

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Summario:



REDACÇÃO

Reuniões de professores

COLLABORAÇÃO

AMELIA MATTA MACHADO —
*Curso de Pedagogia para
professores de escolas sin-
gulares*

ALICE DE ANDRADE SANTIAGO
— *A educação moral e a
função da escola*

NAIR STARLING — *Estudo
em torno das emoções*

FLAVIANA G. DA MOTTA —
Rumos certos

ZINA MAGALHÃES — *Disci-
plina na liberdade*

BENEDICTO SILVA — *E' pos-
sível administrar bem os
negócios publicos sem es-
tatística?*

CARLOS DA GAMA JUNIOR —
*O cooperativismo esco-
lar*

TRANSCRIPÇÕES

ALBANO RAMALHO — *O no-
vo plano de educação
"Dalton"*

DR. A. SÁBOIA LIMA — *Pro-
blemas ruraes do Brasil*
— *Guerra e educação*

ALFREDO SANTIAGO KENNY
— *O código americano
dos direitos da criança*

NOTICIÁRIO

— *Despesas federaes com a
assistência medico-social
em 1932*

— *A segunda semana rura-
lista*

— *A conservação dos mo-
numentos de arte e his-
tória*

— *As publicações do Ins-
tituto Internacional de
Cooperação Intellectual*

— *Grupo escolar de Co-
rintho*

ADVOCACIA - PROCURATORIOS

O Escriptorio do DR. NELSON DE MOURA aceita quaesquer serviços perante as repartições estaduais e federaes. Remette, com anticipação, mediante combinação previa, os vencimentos de seus constituintes.

Extracção de titulos. Licenças. Aposentadorias. Férias especiaes. Recebimento de vencimentos, gratificações e diarias. Registro de diplomas. Inscricções e emprestimos na Previdencia dos Servidores do Estado, etc.

**Trabalho rapido. — Exactidão de contas
HONORARIOS MODICOS**

**Avenida Affonso Penna n. 599 - 1.^o
BELLO HORIZONTE**

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno 24\$000

Semestre 12\$000

Numero avulso, 2\$000

Collecção de um anno. . 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saude Publica, Bello Horizonte.

ANNO VIII

— SETEMBRO - 1934 —

REVISTA DO ENSINO
ORGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Reuniões de professores

E', na verdade, digno de applauso o movimento que se opera em todo o Estado no sentido de levar ás nossas escolas isoladas o espirito renovador que é a propria essencia dos ideaes modernos de educação.

De todos os pontos do territorio mineiro chegam-nos informações e noticias de reuniões de profesores e de "semanas pedagogicas", em que a iniciativa dos assistentes technicos vae colhendo os mais proveitosos fructos e lançando novas sementes para as messes do futuro.

Foi por occasião da ultima reunião annual dos assistentes technicos do ensino, realizada em Bello Horizonte, que ficaram assentadas as bases da nova campanha em prol das escolas singulares, por meio de reuniões dos profesores dos estabelecimentos ruraes e districtaes de ensino primario, nas sédes dos municipios.

A assistencia ás escolas isoladas, pela angustia do tempo de que o assistente podia dispôr, quasi nada aproveitava ao ensino do ponto de vista tecnico. Era mais uma verificacão do que estava sendo feito, simples fiscalizacão, sem a possibilidade de apontar remedios ás falhas porventura existentes, ou marcar novos rumos e assignalar novas possibilidades ao professor que ainda se apegava á rotina e aos processos e methodos anachronicos.

De uma só vez e em these, — sem melindrar a susceptibilidade dos que estão em caminho errado — pôde o

assistente tecnico, na reunião dos professores, dar todas as suggestões, orientar para o melhor, mostrar os principios basicos da escola educativa, conquistar, emfim, o professor rural — insulado de tudo que a pedagogia tem conquistado modernamente, — transformando-o em cellula dinamica na vida do grande ideal de regeneração do nosso aparelho educacional.

Na 29.ª circumscripção, sob o influxo do assistente Abel Fagundes, na 19.ª, pela iniciativa do assistente Benjamim Ramos Cesar, essas reuniões deram os resultados mais animadores. Varios trabalhos em uma dellas apresentados já tiveram publicação nesta revista, attestando o interesse despertado e o quanto é licito esperar de nossos professores do interior.

Desejando dar a conhecer, em toda a sua extensão, essa grande iniciativa dos assistentes technicos do ensino em Minas, a "Revista do Ensino" pede a todos os que estão á frente do movimento em prol das escolas isoladas que lhe forneçam, para serem publicadas, quando dentro de seu programma, noticias detalhadas das reuniões, bem como trabalhos doutrinarios ou praticos que a experiencia de nossos mestres tenha levado ás mesmas reuniões.

PALAVRAS DE MESTRES

O espirito da creança nos escapa com tanta presteza como o de um chefe inimigo á sabia estrategia do general. A este como ao educador é difficil saber o que pretende e o que pensa, o que sabe e o que ignora o inimigo. E' á advinhação e á intuição que teremos de pedir auxilio, e não á pedagogia geral e á sciencia estrategica.

WILLIAM JAMES

Curso de Pedagogia para professores de escolas singulares

Amélia Matta MACHADO

Um dos mais serios problemas do Ensino é, sem duvida, o da assistencia technica que deve enfrentar a nossa vastidão territorial, pobre de meios de transporte, e enquadrar na escassez do tempo, e na penuria da locomoção, o avultado numero de estabelecimentos a visitar e de funcionarios a orientar.

As escolas districtaes e ruraes são, pela sua propria natureza, aquellas que, necessitando de mais assistencia, menos a podem receber.

Por isso, foi bem lembrada a organização dos Cursos Pedagogicos para os professores, installados na séde das circumscripções e orientados pelos assistentes technicos do ensino.

Sabemos que semelhantes cursos, organizados exclusivamente em virtude do esforço e da dedicacão de quantos delle participam, e por especial devotação dos assistentes, não correspondem ao plano amplo de ruralização brasileira que constitue a aspiração dos discipulos de Alberto Torres.

Movimento puramente de caracter pedagogico. Sem systematização que o enquadrasse num pensamento de mais ampla finalidade que requerereria naturalmente processos diferentes, o Curso faz o bem que pôde fazer no estado actual das cousas.

Poderíamos ainda tentar diminuir o valor de semelhantes cursos, ou mesmo tirar-lhes todo o valor e consideral-os contraproducentes si objectassemos:

A pedagogia rural deve não ser bebida nos moldes da pedagogia urbana.

Os estímulos que os professores ruraes vão encontrar

no ambiente escolar das cidades são de molde a contaminar o meio rural, transplantados para ahí, serão planta exótica, exorbitando do ambiente, atestarão artificialismo jamais absorvidos pelo organismo rural. O que os campos possuem de melhor, que é a espontaneidade de sua vida, ficará estragado pelos moldes importados.

Respondendo a essas duas objecções, ponderaremos:

Sem duvida: os cursos ruraes não têm a importancia que teriam si fossem um dos aspectos do plano nacional de ruralização; podem ainda crear exigencias no espirito do professorado que o frequente, e negar-lhe os meios de os satisfazerem: porque, repetimos, a par do augmento de cultura que o Curso proporciona ao professor, não está em condições de promover-lhe augmento de material ou de recursos pecuniários que correspondam áquellas exigencias.

Encaremos, porém, a questão de outra forma e veremos que é possível afastar este ultimo prejuizo.

Nenhum assistente tecnico ignora que a creança rural deve encontrar na escola vinculos que a prendam ao meio, bem como uma educação capaz de melhorar esse meio em que vae viver. Foi esse o conceito geral que se definiu diversas vezes entre os assistentes technicos durante o ultimo Congresso dos mesmos, realizado nesta Capital em junho p. passado.

O que é importante, pois, é apparellhar o professor com melhores methodos, capazes de formarem melhores homens; mais aptos a dominar o meio e a se servir delle.

O professor rural, que vegetando abandonado, se eterniza a passar contas kilometricas para os alumnos, e a manter na escola um ambiente dessassociado do meio em que vive, irá transplantar para sua escola, não o *espirito* urbano com suas actividades, experiencias, attitudes e finalidades, mas um pouco de technica pedagogica tão boa aqui como alli, tão apta a desenvolver raciocínio de um menino da cidade como de um da roça. Ensinar a pensar, ensinar a viver. Este, o objectivo do methodo que, applicando aqui ou alli, se re-

vestirá dessa ou daquela forma, de accordo com a realidade do meio e a finalidade do apprendizado.

Dos methodos que os professores ruraes viram applicados no grupo urbano, assimilarão o conteúdo e não a roupagem.

Acreditamos sinceramente na eficiencia dos cursos, por este lado. Acreditamos que dominará em todos elles o pensamento de manter, fortificar, intensificar a adaptação do nosso sertanejo á terra que cultiva. Oxalá possa o trabalho dos nossos assistentes contribuir para dar ao homem do campo a consciencia de que o Brasil só será forte pela productividade da terra, e saude dos homens que a povoam. E desse modo levem, incansavelmente, ao nosso sertanejo a palavra que educa e dá ao homem mais confiança em si e em seu trabalho. Palavra isolada, perdida aqui e alli, será vinculo de estreitamento espiritual de nossa gente, e fonte de animo para quantos a ouvirem.

Passemos agora, em rapido desfile, alguns aspectos da realização de um dos Cursos Ruraes realizado entre nós.

Lastimamos não poder enriquecer esta nota com dados referentes aos diversos Cursos que a assistencia technica vem realizando em Minas, e o motivo é que sómente nos vieram ás mãos por enquanto o material referente ao Curso de Conceição do Serro.

Interessado como se acha o Corpo Technico em acompanhar e divulgar os trabalhos do Curso Rural, pedimos aos srs. assistentes que nos enviem o material relativo aos cursos realizados. (*)

Nosso primeiro pensamento ao considerar a realização de uma quinzena pedagogica nos moldes da que temos em vista está naturalmente voltado para a locomoção dos professores, sua estadia na séde do municipio. Pela excelente documentação examinada, depreheende-se que o interesse dos nossos professores em melhorar sua technica peda-

(*) Ao terminarmos estas notas, recebemos grande copia de material relativo ao Curso Rural de Barbacena, dirigido pelo sr. assistente tecnico Olyntho Pereira da Silva. Brevemente, teremos a satisfação de dar sobre este curso as nossas impressões.

gógica, e em ouvir as palavras do ensinamento de seus orientadores está acima das dificuldades de ordem material, económica e, até acima das razões do coração.

O sr. Abel Fagundes, assistente técnico da 29.^a circumscrição, conseguiu reunir em torno de si 18 professores: entre elles, mães de família que se locomoveram sem outra razão que a do interesse das suas escolas. Demos a esta nota a auctoridade da palavra do assistente técnico:

"A convocação, que aos professores dirige, foi de caracter facultativo, e nem podia deixar de sê-lo, desde que não foi possível absolutamente auxilia-los nas despesas de transporte e estadia na cidade. Apesar disto, o meu appello trouxe á séde municipal, vindos dos mais remotos cantos do município 18 professoras".

Deste modo se exprime uma das professoras presentes ao curso:

"E assim, bemdizendo a "Quinzena Pedagógica" (foi este o nome que lhe puz), conquanto saudosos do meu lar e carregada de cuidados e apreensões, por me ver distante dos meus filhinhos, que além reclamam a minha assistencia, sinto-me bem aqui".

Das respostas endereçadas ao Sr. Assistente pelas professoras que não puderam comparecer ao Curso, deduz-se a ordem das razões que lhes dificultaram a frequência:

Molestia de filhos, tratamento de saude, distancia a percorrer, filhos pequenos que não podem ficar sem os cuidados da mãe que não encontra pessoa a quem confiar, etc. Não será, pois, por incapacidade de sacrificio e de esforço que os Cursos Ruraes deixarão de ser frequentados.

Consideramos agora o plano de trabalho do assistente e os resultados praticos obtidos. O Grupo Escolar "Dr. Daniel de Carvalho" foi a matriz da Quinzena Pedagógica.

Transcrevemos a summa dos trabalhos organizada pelo sr. Abel. Fagundes:

"Diariamente, os professores-estagiarios assistiam ás aulas durante um horario completo, respondendo, em seguida, ao seguinte questionario:

1) As lições a que assistiu foram prévia e convenientemente preparadas ?

2) Porque chegou a esta conclusão ?

3) A materia foi também explanada pela professora ?

4) De que lição gostou mais ?

5) Porque ?

6) Os alumnos mostraram-se interessados pelas lições ?

7) A que attribue isto ?

8) Estiveram activos durante as aulas ?

9) Como ?

10) Está a classe disciplinada ?

11) Porque ?

12) Que achou da sala de aula ? (Limpeza, mobiliario, ornatos, etc.)

13) E do aspecto sanitario dos alumnos ?

14) Que conceito faz da professora ? (Ótimo, muito bom, bom, soffrível, mau).

A par desta parte pratica, que permittiu aos professores verem os methodos novos em applicação, e em realização as actividades extra-programma, fazia-se mistér dar-lhes algumas noções sobre organização escolar e sobre methodologia. Assim é que, durante os 15 dias da reunião, deram-se-lhes aulas diarias, sendo então integralmente dadas as regras e a orientação do ensino de arithmetica e lingua-gem, e fazendo-se varias palestras sobre o ensino das demais disciplinas e outros assumptos, como se verá do seguinte resumo:

a) Linguagem oral e escripta, leitura: jogos, clubs de leitura, etc., a cargo da professora technica Aracy Lima, com a collaboração da professora technica Anna Augusta da Silva.

b) Arithmetica: importancia da materia, sua situação no programma primario, methodo adoptavel na sua didactica. A numeração. Factos fundamentaes das quatro operações. Seriação dos mesmos. Fracções ordinarias: redução

do seu programma. Systema metrico. Decimaeas. O material didatico, — a cargo do director do curso.

c) Palestra — A vida na minha classe — Professora Aurora Madureira Oliveira.

d) Palestra — Como tornar infantil o ambiente das salas de aula? Professoras Iracema de Vasconcellos Safe e Estephania Generoso de Araujo.

e) Palestra — Excursões escolares — Professora Germana Maroia Lage.

f) Palestra — Como conhecer a vida extra-escolar dos alumnos? Professoras Zenolina Josephina Ferreira e Maria Costa Chiab.

g) Palestra — A disciplina — Professora Virginia Andrade Costa.

h) Palestra — Jogos pedagogicos — Professora Anna Andrade Costa.

i) Palestra — O desenho e o trabalho manual — Professora especializada Alzira Candida da Silva.

j) Palestra — O problema da alimentação — Professora Nicolina J. Ferreira.

k) Palestra — Pestalozzi e seu exemplo — Prof. José Aniceto Costa.

l) Palestra — Jornaes escolares — Professora Luiza Andrade Carneiro.

m) Palestras (varias) — Instituições escolares — Prof. technica Aracy Pedrelina de Lima.

n) Palestras — Escola rural: o que é, sua função. — Organização escolar: predio, mobiliario, material didactico — Pelo director do Curso.

Como os professores — estagiarios muito se tivessem interessados pela larga copia de jogos em uso nas diversas classes, as professoras Maria Costa Chiab, Zenolina Josephina Ferreira e Anisia Moreira de Oliveira apresentaram os jogos já vistos, outros empregados em annos anteriores, explicando a respectiva technica, algumas vezes, jogando com os professores para que melhor os entendessem.

Assistiram os visitantes a varias dramatizações, ses-

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar "Amanteo Bernardes", de Santo Antonio do Monte. — A hora da merenda

sões de clubs de leituras e auditorios, nas classes de 3.º e 4.º anno das professoras Iracema Safe, Zenolina Ferreira e Maria Catharina de Oliveira, na de 2.º anno da professora Germana Maria Lage e a u'a manhã esportiva.

Dei-lhes tambem modelo de caderno de preparação de licções, projecto de horario para escola singular, instrucções para organização de provas mensaes e seu julgamento, bem como das composições e exercicios de arithmetica.

Trabalho notavel se fez relativamente á educação physica, sob a direcção da professora especializada Anna Costa Chiab, como se pôde ver no resumo abaixo, seguida a theoria da pratica, diariamente, das 7 ás 8 da manhã.

Summario do trabalho de educação physica

Calistenia: definição, principios e fins a que se destina: Noções elementares de planos e seus elementos. Vantagens da marcha.

Series: sua confecção; como escrevel-as.

Noções sobre jogos.

Parte pratica. — Formação em fileira e columna. Desdobramento da fileira e columna, alinhamento, etc..

Marcha: a passo natural, na planta dos pés, com elevação dos joelhos e skipping.

Execução de uma serie livre. Alguns exercicios dos tres grupos, com bastão e alteres.

Assistencia dos professores á realização de 6 jogos menores e gymnastica historiada para 2 classes, com adaptação para o meio a que se destina.

Foram dadas, a cada professora, escriptas, uma serie livre e uma com bastão. Deu-se tambem, escripta, divisão dos jogos nos seus 6 grupos, para a devida applicação de accordo com o desenvolvimento da classe.

A socialização não foi esquecida, apezar do trabalho intenso que durante a quinzena se desenvolveu. Como no decurso delle transcorresse a data natalicia do prof. José Pinto Hermann, organizou-se, sob a orientação da professora

Aracy Lima, uma reunião social. Saudado o anniversarian-te, apresentou-se um numero de jornal falado, recitaram-se poesias, ouviram-se numeros de musica”.

Como se vê, o curso teve um caracter eminentemente pratico, regeitando as formas theoricas do conhecimento, e levando o professor a agir, tal como deverá fazer com seus alumnos.

Todos os professores apresentavam diariamente relatorios sobre as actividades assistidas, e tendo havido 15 reuniões, conclue-se que os 18 professores presentes ao curso apresentaram um total de 270 relatorios. Estas cifras mostram a intensidade do curso que, num prazo relativamente curto, beneficiou a varios estabelecimentos, e attendeu a diversas actividades.

Estas notas que aqui registramos visam não só focalizar os aspectos dos cursos ruraes, como acompanhar a actualiação do professor, de regresso á sua escola. Por isso, anotaremos ainda um pequeno trecho do relatorio do assistente tecnico quando da visita ás escolas reunidas de S. Domingos do Prata, posteriormente ás actividades do curso:

“Louvo o interesse que vem demonstrando os professores locais pela melhoria material e pedagogica das escolas. Da primeira é porva os reparos que, á custa propria, estão fazendo, neste momento, no predio. Da segunda é testemunho o facto de terem todos comparecido ao curso pedagogico de junho ultimo, e a applicação que emprehenderam resolutamente, dos novos processos de ensino que aprenderam.

Faço votos para que, constituida a sua biblioteca, possam enriquecer continuamente o cabedal de sua cultura, de maneira a se tornarem cada dia mais capazes do cabal desempenho de sua nobre função social”.

“Não posso deixar de consignar neste relatorio, e o faço de consciencia altamente satisfeita, que, si as escolas

locaes estão no pé em que as encontrei, applicando os processos escola-novistas, que, si os professores estão empenhados em alargar a influencia educativa da escola, mesmo com sacrificios pessoases; que, si as creanças de tão longinquo recanto estão vendo abrirem-se a seus olhos novas perspectivas, isto se deve em grande porção ao curso que em momento de feliz inspiração realizei na séde municipal, e ao qual este districto concorreu com a totalidade dos professores em exercicio”.

E desse modo, braço a braço com a tarefa grandiosa, pondo acima de tudo a convicção de que só o trabalho consciente, sem preoccupação de nenhuma outra ordem póde realizar, a assistencia technica irá dando realidade e relevo ao pensamento estimulador do Dr. Mario Casasanta:

“A humilde professora rural, atirada para um recanto desconsolado e desconsolador, lendo a sua meia duzia de livros, á luz de uma lamparina, augmentando a sua cultura e mantendo viva a sua actividade espirital, representa uma dessas magnificas figuras humanas, deante das quaes a nossa admiração é pequenina, por maior que seja, e para as quaes todos os cidadãos devem olhar com affecto e ternura, desculpando os defeitos que tiverem, olhando só para o bem que fazem, sem consideração de ordem alguma que não seja a grandeza de nossa terra”.

AMELIA MATTA MACHADO

PALAVRAS DE MESTRES

Em todo estudo é necessario partir de um aspecto profundo das questões e abstrahil-o, isolat-o como si elle só existisse; gradualmente, a correccão virá depois pela reposição que formos fazendo das particularidades postas á margem e que completam a idéa primitiva.

WILLIAM JAMES

A educação moral e a funcção da escola

Alice de Andrade SANTIAGO

O ideal da escola é o desenvolvimento integral da creança ou seja a educação completa. Sua finalidade não póde consistir, apenas, em cultivar ou enriquecer o espirito, ensinando a ler, escrever e contar. Sua funcção deve abranger todas as actividades humanas, em todas as manifestações e possibilidade da vida.

A missão principal do educador deve ser a formação moral do individuo. Não póde ser, porém, sua preocupação exclusiva. Cumpre-lhe desenvolver, ao mesmo tempo, as faculdades moraes, intellectuaes e physicas para fazer da creança um adulto perfeito, isto é, um homem forte e livre, consciente e responsavel.

Diz monsenhor Dupanloup — que “educar é formar o homem intelligente, o homem bom, o homem com suas faculdades especiaes e individuaes, tal como a sociedade e a religião o exigem, o homem, antes de tudo, intelligencia poderosa e pura em corpo vigoroso e são”.

O problema da educação moral é dos mais serios e decide dos destinos do homem, como individuo e como parcela social.

Educar moralmente é formar o character, estabelecendo uma correlação entre o pensamento e a acção, entre as convicções e o procedimento.

A educação intellectual aprimora o espirito e projecta luzes sobre o caminho da vida. A educação physica avigora o corpo e enrija-o para as vicissitudes da caminhada. A educação moral, no emtanto, é a unica que conduz á felicidade — porque esta só existe na paz da consciencia, que só a pratica do bem póde gerar.

Ha quem julgue que á creança pobre basta apprender

a ler, escrever e contar. E' um erro. Ella, justamente, é que mais precisa encontrar na escola o que lhe falta no lar, onde a miseria tudo mingou com a falta de conforto material. O pae está sempre fóra de casa, ganhando o pão de cada dia. A mãe, a braços com a indigencia, mal tem tempo para preparar o alimento e a roupa de seus filhinhos que, em geral, vivem ás soltas, na rua, apprendendo licções de malandragem.

O professor é que deve, pois, educar estas creanças, encaminhal-as na vida, ensinando-lhes o caminho do bem.

O valor do homem está na sua honestidade pessoal. Não ter saude ou dinheiro não lhe diminue o conceito. Não ter character equivale, porém, á sua ruina moral, ao seu naufragio na vida.

E' preciso, portanto, educar moralmente a creança, habitual-a á pratica do bem, insinuando-lhe o horror ao mal. Educar-a moralmente é dar-lhe a noção exacta do bem. Insensivelmente, ella irá se exaindo de praticar o mal.

Todo homem póde vir a ser bom, ainda aquelle que te nha trazido do berço maior somma de heranças ou inclinações más. Depende do esforço e habilidade do educador.

Ninguem mais acredita que os criminosos e bandidos tenham nascido para o crime: são productos do ambiente em que se educaram.

A creança é uma possibilidade, uma promessa.

Suas inclinações podem leva-la á sublimação da virtude, como ás aberrações do vicio. A educação é que resolve o seu futuro. Os factores hereditarios são susceptiveis de modificar-se. Corrigem-se, aperfeiçoam-se e até mesmo se annullam.

A educação moral não se consegue por coacção, mediante castigos e premios.

Premios e castigos são formas de coacção. A coacção gera covardes e hypocritas, trahidores e mentirosos. Os irrationaes é que se submettem pelo terror ao castigo e pela necessidade das razões.

D. Bosco, o santo educador, em cuja alma brotaram espontaneamente os ideaes dos novos methodos de educação

— transformou lobos em cordeiros, sem pancadas, nem violencias, mas tão sómente pela brandura . . .

Habitue-se a creança a reconhecer o seu proprio erro, sujeitando-se ás consequencias do mesmo. Não se deve prometter castigo, como não se deve prometter recompensa. E' preciso que a creança não proceda bem porque receie ser castigada ou porque espere ser recompensada.

Não existem premios para exaltar a vaidade ou excitar a inveja. Uma palavra de encorajamento ou mesmo uma prenda podem ser dados, porém, nunca promettidos.

Na escola actual, não se ensina educação moral por meio de regras ou preceitos. Permite-se á creança autonomia da vontade, habituando-a a ter consciencia dos seus actos, respondendo pelos mesmos.

Creem-se situações reaes em que ella se expande e trabalha, pondo em acção todos os factores da sua individualidade.

As actividades escolares, quer sejam os clubs ou auditorios, excursões ou projectos, são oportunidades excellentes para o desenvolvimento integral do educando.

A creança deve ter a faculdade de agir por si mesma, de tomar iniciativas, trabalhar, experimentar, pesquisar.

Deve aprender a pensar, reflectir para prever o resultado de seus actos.

E' preciso que aprenda a confiar nas suas proprias forças, agindo, deliberando e sujeitando-se aos castigos a que, por ventura, fór arrastada pelos seus proprios erros.

Não deve viciar-se á dependencia do mestre ou dos collegas, aproveitando-se unicamente das alheias idéas e experiencias. Deve valer-se da sua capacidade de trabalho, formular a sua opinião propria, sabendo expol-a, discutil-a, ganhando experiencia, esforçando-se por chegar a uma conclusão acertada.

Contrahindo, desde cedo, o habito da responsabilidade, saberá evitar as praticas que lhe acarretarem dissabores ou castigos, preferindo as que lhe trazam alegrias e compensações.

Os trabalhos manuaes são a melhor fonte de educação moral e integral da creança. Exercitam-lhe a um tempo, todas as facultades.

Nas classes de anormaes constituem uma garantia para o seu governo. A disciplina é, por sua vez, o reflexo da educação moral. A verdadeira disciplina só se consegue através da educação moral.

A disciplina espontanea é resulttante da boa attitude moral do individuo.

O factor maximo da educação moral é a personalidade do educador. A creança imita-o, modela-se por elle e o seu exemplo é uma lição viva, lição que não se esquece nunca.

Nada impressiona mais desagradavelmente á creança do que uma attitude ou decisão injusta do mestre.

O espirito da verdade e da justiça deve inspirar-lhe todas as acções.

Nunca deve julgar em momento de colera. As sanções que se applicam, em tal caso, têm sempre effeito deploravel.

Outro factor ponderante na educação moral é a força moral do educador.

Ella se exerce pela bondade, pela energia serena e pela tolerancia, base de toda sabedoria.

Nos primeiros annos da vida, em que a experiencia é falha, os educadores impõem, fazendo valer a sua autoridade.

A creança não póde ficar inteiramente entregue a si mesma. Sua actividade livre dar-lhe-ia lições de experiencia, mas acarretaria dissabores e desastres.

Precisa ser guiada, aconselhada, admoestada.

A' medida, porém, que vae ganhando experiencia e tomando iniciativa — diminue a acção autoritaria do educador, até que, inteiramente emancipada, possa conduzir-se, o que significa que estará moralmente equilibrada.

A escola prepara a creança para a vida, mas não apenas para viver a vida ephemera da terra. Com a educação moral sublima a alma, pela virtude, e a alma é a eternidade.

O Divino Mestre viveu entre os homens para lhes ensinar o caminho da vida eterna, ensinando-lhes a verdadeira educação moral.

A Religião confunde-se com a sciencia na concepção moral do bem. Tudo quanto favorece a natureza e a vida individual ou collectiva — é o bem. Tudo quanto prejudica as leis naturaes, entrvando ou supprimindo a vida — é o mal.

A sciencia restringe-se aos limites da vida terrena.

A religião expande-se no infinito da vida eterna.

Diz Sampaio Doria: "A reacção inexoravel da natureza e a reacção justa da sociedade eliminarão pouco a pouco, com a educação e a eugenia, os infractores das leis da vida. Ao cabo de millenios de responsabilidade e selecção, os melhores hão de necessariamente sobreviver. Estará, então, ultimada a vontade de Deus: o bem pelo bem será, então, praticamente, a suprema ambição dos homens" !

A missão do educador é o aperfeiçoamento moral da humanidade. E' a missão sublime do sementeiro, lançando nas almas as sementes do bem, da perfeição moral, que diviniza o homem e que o approxima de Deus — a suprema concentração do Bem e da Verdade.

ALICE DE ANDRADE SANTIAGO

AS COLLECÇÕES dos annos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direcção.

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Os
Grupo escolar "Amarello Bernardes", de Santo Antonio do Monte,
marceneirinhos

Estudo em torno das emoções

Natr STARLING

II

A COLERA

E' a segunda manifestação affectiva, affirma Ribot. E' um estado opposto ao medo, é a fôrma offensiva do instincto de conservação.

A colera pôde ser considerada uma exaltação do amor proprio. E' um sentimento aggressivo, uma reacção da personalidade contra o que a contraria ou fere, contra a humilhação, contra os acontecimentos, contra as cousas e contra os homens.

W. Pyle commenta que á colera se deve grande parte da historia e da literatura.

A colera de Achilles deu logar á guerra de Troya e nos proprocionou a "Iliada"; o furor da cruel Juno foi causa das viagens de Enéas e nos deu a "Eneida".

Ribot distingue tres fôrmas principaes da colera: a primitiva ou animal, a aggressão simulada e a fôrma controlada.

A primitiva ou animal é a aggressão. Ha então a explosão, e, cego pelo furor, o encolerizado se atira á victima. A segunda é a aggressão simplesmente simulada.

"Cão que ladra não morde". Amedronta o inimigo, força-o á submissão por gritos e injurias.

A terceira é a colera do civilizado que sabe governar seus nervos, controlando assim sua attitude, não deixa transparecer seu furor.

A natureza da colera, em qualquer destas fôrmas, é identica. E' sempre uma irritação, um attestado de impaciencia. Ella arrasta o individuo a um turbilhão de idéas loucas e o abandona a uma logica falsa; um unico sentimento — o

desejo de vingança o magôa e pisa, impellido-o a monstruosidades e crimes.

A colera provoca mudança de côr, tremura da voz. De um modo geral, o corpo se colloca em attitude aggressiva.

Causas — acredita-se influam a hereditariedade, o temperamento, a saude.

As variações da temperatura, a alimentação, a fadiga, etc., são annotadas como factores.

A causa-mãe, entretanto, é a educação que o individuo recebe.

Os meios de refrear a colera são: dominio-pessoal, espirito de humildade e mortificação. A razão e a reflexão podem diminui-la tambem.

Não se deve combater a colera quando a mesma se apresenta elevada ao auge, porque não se consegue senão prolongal-a. Sendo um momento de semi-demencia, o encollerizado não ouve: a intervenção serve apenas para quebrar a autoridade e enfraquecer a disciplina. São condemnados tambem os castigos physicos por inefficazes e prejudiciaes: aggravam o systema nervoso que constitue, quasi sempre, o proprio fundo da colera.

Que cousa é a colera senão ausencia de dominio pessoal?

A colera, diz Mechler, implica depressão moral. Como christãos compre-nos lutar contra essa inclinação viciosa. A mansidão, o amor a nossos inimigos, nos foram prescriptos por Deus de modo formal e absoluto.

Vencer, não oppondo violencia á violencia, porém usando de doçura e humildade.

Ao experimentarmos os primeiros signaes da colera, reflectamos no quanto é breve a existencia: amanhã já não sentiremos o que hoje nos magoou e exultaremos então pelo soffrimento mudo e paciente.

Ha, entretanto, nobres e santas coleras. Contidas nos justos limites, é a arma de nossa dignidade, quando inspirada pelo zelo á justiça, ao amor ás causas de Deus.

Para combater e evitar a colera, precisamos conhecer bastante a virtude da paciencia e do silencio.

E' tambem proveitoso o afastamento do curso dos pensamentos irritantes, pela recitação mental de uma oração apropriada. Outro meio efficaz é a educação da serenidade. Essa educação se faz atravez de bons exemplos, de leituras convenientes, da musica, da pintura, da arte, emfim, de tudo que leve, que aperfeioe, que provoque a formação de bons habitos, que ensine a conservar attitude calma — "manter a dignidade das grandes agonias" !

O exterior controlado modifica o interior, conforme a theoria de W. James.

NAME STARLING

PALAVRAS DE MESTRES

As tendencias moraes da creança estratificam-se, no apprendizado da historia, ao toque das emoções suscitadas e aivadas por exemplos dos herôes, cujos feitos ella regista. A continuidade dessas emoções, que os exemplos suscitam e aivam, cria, no pequenino, admiração pela bondade, pela firmeza, pela energia, pela coragem, pela abnegação, que elles objectivam. Actos semelhantes, que a imitação determina, praticados na esphera limitada e intima da convivencia na escola e na familia, inicia o educando na conducta que terá no grande mundo, quando moço e quando homem. Mas, esses exemplos têm de impressionar mentes verdolengas, e, para isso, a face dramatica dos acontecimentos deve desenrolar-se em scenario movimentado e quente, sem, contudo, fugir á realidade. As camadas de sentimentos, assim creados, que a palavra do mestre illumina e justifica, sobre-põem-se umas ás outras, na formação da nova individualidade. E tão intimamente se vão ellas unindo na contemplação subjectiva do bello, do bom e do justo, que um bloco de resistencia ao mal alicerça a alma, e esta se faz dynamo de impulsão para o bem.

JOÃO TOLEDO

Rumos certos

Flaviana G. da MOTTA
(Do grupo escolar "D. Pedro II", de Curitiba)

É axioma corrente de pathologia que não ha doenças: ha doentes.

A medicina já consagrou a ineficacia de um remedio unico para combater, em todos os casos, um mesmo tipo de molestia.

Dois individuos atacados do mesmo mal, revelando identicos symptomas morbidos, nem sempre poderão ser tratados pelos mesmos agentes therapeuticos.

Cumpra ao medico examinar a constituição intima de cada um e o modo especifico de reacção de cada organismo, á applicação dos meios medicamentosos.

A cura dum far-se-á em dose minima de determinada droga que, applicada em outro em elevada porcentagem, será inutil, como a um terceiro poderá ser nociva em qualquer porcentagem.

É a individualização do remedio que não existe para tratamento de um typo abstracto de doença, mas para applicação singular a determinados individuos que, reunindo certas condições favoraveis, possuem o ambiente organico necessario, para que se faça sentir uma acção benefica.

Nas escolas correcionaes modernas, distinctos pedagogos já chegaram á conclusão de que os mesmos meios não lograrão a regeneração de individuos diversos.

Urge applicar os correctivos de accordo com o exame individual do delinquente e jamais pela constatação da falta cometida.

Faltas gravissimas, muitas vezes, podem ser praticadas por circumstancias de momentos, enquanto que delitos muito mais leves são no entanto praticados com premeditação antecipada.

Seria uma iniquidade que o iria magoar profundamente, determinando até uma revolta no seu intimo, castigar se-

veramente o auctor das primeiras. Entretanto, o segundo que praticou faltas aparentemente leves, nessa premeditação fria demonstrou indole perversa.

Neste caso, como tentativa de regeneração do caracter, cumpre empregar primeiramente correctivos brandos, como: o exemplo, os conselhos, os trabalhos; e, quando inefficazes taes meios, o educador lançará mão de correctivos mais energicos, no louvavel empenho da reforma desse caracter que, si se desenvolvesse á revelia, mais tarde seria de funestas consequências á familia e á sociedade.

A pedagogia então, na corroboração do principio que "as mesmas causas produzem o mesmo effeito deverá seguir as pegadas da pathologia.

Não se comprehende mais que todas as creanças que entram numa escola desiguales por indole, por capacidade intellectual e pela propria natureza physica estejam sujeitas a um unico professor, que a todos applica os mesmos methodos de ensino, transmite as mesmas lições, ministra o mesmo regime pedagogico.

Começa o erro na fixação da idade para a admissão ao primeiro anno.

A lei bitolou todas as intelligencias, determinando uma idade unica para o inicio dos estudos.

Quanta creança precoce perde um anno esperando á idade legal para iniciar ao seu aprendizado!

Quantas mentes tardias sacrificam-se inutilmente, no verdor dos annos, procurando acompanhar os cursos das outras creanças da mesma idade, mas, normaes.

E no seguir dos estudos, numa mesma classe, accentuam-se as diferenças, crescem as divergencias, augmentam as discrepancias entre os alumnos. Uns aprendem com facilidade as lições explicadas, enquanto que outros, só com muito custo conseguem assimilal-as.

Os de maior receptividade marcam passo, inutilmente, á espera dos retardatarios.

E no fim do anno, as creanças que poderiam ter ido muito longe, estão em egualdade de condições com os que,

por deficiências organicas e mentaes, não puderam desenvolver-se.

Urge entrar pelo rumo certo. E' comezinha a observação na escola de que umas creanças aprendem mais depressa do que outras.

E' necessario aproveitar-las, a tempo, fazendo-as chegar ao limite attingivel de conhecimentos, para sua capacidade.

Para isso é imprescindivel homogenizar as turmas, de fórmula a conseguir classes de um mesmo nivel intellectual.

Assim, os alumnos não perderão tempo. E junto a esta economia de tempo, haverá maior productividade do ensino. Poupar-se-á aos precoces o prejuizo de esperar aos tardios. E a estes livrar-se-á do vexame, de que não têm culpa, de ficarem sempre para traz, sempre atrasados, na retaguarda de todos os alumnos.

Nos cursos de gymnastica, os alumnos são submetidos a um prévio exame medico rigoroso, que os classifica em fracos, médios e fortes. De accordo com esta divisão são feitos os exercicios physicos.

Os pulsos herculeos de um forte nada lucrariam com a gymnastica de um fraco, este sucumbiria com a violencia do exercicio de um forte.

Principio identico deve ser levado á escola. Logo no primeiro anno, as turmas devem ser classificadas em grupos por quociente intellectual, rigorosamente auferido pelo emprego criterioso de "tests". Ter-se-iam as turmas paralelas de creanças da mesma idade, mas de condições de saude e de intelligencias diversas.

Professores distinctos encaminhal-os-iam ao seu termo, obtendo o maximo possivel de aproveitamento.

Nos annos superiores cumpre não descurar da egualdade de nivel intellectual da turma, para proseguimento dos estudos.

E' impossivel ensinar com proveito, onde uns estão muito além dos outros. Deve haver uma série de conhecimen-

tos, sem os quaes será impossivel o accesso de uma classe a outra.

Evitar-se-iam as recordações de começo de anno que ás vezes se prolongam por mezes a fio, visto que não é possivel iniciar o novo programma com a ignorancia das materias do anno anterior. Em summa, aos professores cabe organizar as classes selectivas, baseados no principio da maior homogeneidade possivel entre os alumnos.

E' absurdo querer ensinar a todos do mesmo modo. E' preciso formar os cursos paralelos. Assim, as escolas ensinarão mais, em menos tempo.

A professora terá o estimulo de ver o real aproveitamento do seu trabalho.

Os tardios e menos amadurecidos, que tudo precisam e pelos quaes tudo se deve fazer, não iniciarão sua vida sob o peso dessa dolorosa inferioridade, que os obriga a estar sempre em peor situação que os outros.

E os mais capazes, em mais breve tempo concluirão seu aprendizado, vendo-se logo em condições de prestar seus serviços a si proprios, á familia e á sociedade.

Curitiba, 5 de fevereiro de 1934.

FLAVIANA G. DA MÓTTA

PALAVRAS DE MESTRES

O horario escolar é elastico: — uma vez que o tacto didactico do mestre sente, na classe, esta ou aquella conveniencia, alonga ou encurta o tempo, dá mais ou menos materia. E' um guia movel, dir-se-ia intelligente, que se adapta sem violencia e nunca se mutila, porque a lição, que hoje se prejudicou de minutos, beneficia-se amanhã com tempo egual ao que á outra foi augmentado. Assim comprehendido, o horario das escolas primarias é util, é necessario, é indispensavel.

João TOLEDO

Disciplina na liberdade

(Palestra realizada no grupo escolar de Guarany)

Zilma MAGALHÃES

Collegas.

O assumpto é sem duvida vasto, rico e cheio de interesse.

E' entretanto um assumpto explorado, e depois de estarmos ha annos lendo tanta coisa a respeito e de tentarmos pôr em pratica tudo o que temos lido, as idéas alheias ficam-nos parecendo nossas e da nossa imaginação sahem phrases e pensamentos que, parecendo-nos legitimos, não passam de filhos adoptivos...

Ouvi pois com benevolencia o meu trabalho e, se a tecla em que vou bater produzir um som por demais conhecido, não vos esqueçaes de que, quanto mais familiar nos fór esse som mais facil e feliz se tornará a nossa missão.

E vós Paes, vós que frequentastes uma escola bem diversa da de vossos filhos, ouvi tambem com benevolencia e attenção as minhas palavras para que vejaes qual a disciplina actual, a disciplina da escola nova e não continueis com o vosso sorriso sceptico e o vosso eterno: "No meu tempo não era assim!".

Tendes razão! No vosso tempo não era assim... Po-deis dizel-o porque não falareis mentira, mas não o faleis com o intuito de depreciar a escola nova!

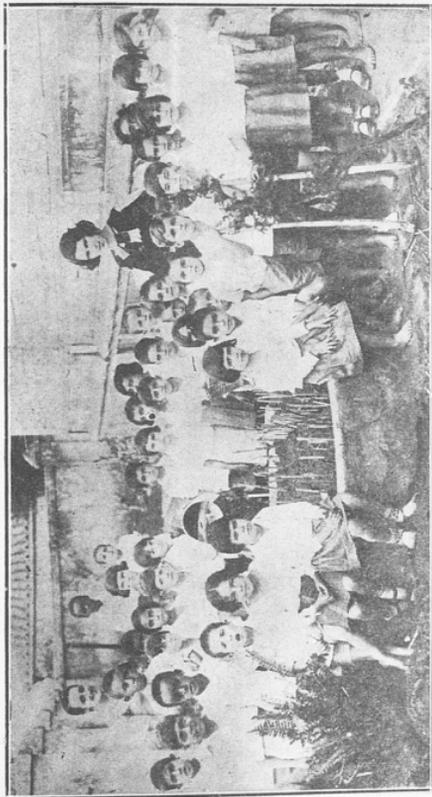
A disciplina de hoje, a disciplina que tentamos implantar na nossa escola é a disciplina na liberdade.

Talvez vos tenha parecido, isso á primeira vista um paradoxo; nada porém mais logico!

Desejamos que a creança se manifeste com franqueza e espontaneidade para conhecermos o seu caracter, afim de guiarmos as suas boas tendencias, e corrigirmos as más.

Respeitamos a personalidade da creança porque, não

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar "Amanteo Bernardes", de Santo Antonio do Monte. — Tratando de um projecto de Jerônimo.

queremos impor-nos pela opressão, tyrannia e violencia e sim pelo amor, carinho e doçura.

E, diz Platão: "Onde reina o amor, são supefluas as leis!".

Queremos tornar felizes na escola, esses entezinhos que nos são confiados, porque elles são o encanto do mundo, o perfume da vida e a alegria na dor!

E não queremos que a sua infancia, a quadra mais alegre, a unica epocha em que se pode ser verdadeiramente feliz, lhes fique marcada para sempre pelo estigma da palmatoria!

Que o seu presente, alegre no estudo, seja a promessa de um futuro feliz no trabalho!

Que as creanças de hoje tenham amanhã um olhar saudoso e amigo para o tempo alegre, despreocupado e feliz de sua meninice.

"A creança é uma ave
 Cujo porvir temos nós:
 No sol — uma aguia altaneira,
 Na sombra — um mocho feroz!".

Ahi tendes!

Por isso, queremos os nossas creanças alegres, expansivas, risonhas, cheias de expontaneidades, debaixo desse sol brilhante e festivo que é a liberdade!

Queremos dellas um trabalho expontaneo e não obrigatorio, uma disciplina consequente de um trabalho são, e não um trabalho máu resultante de uma disciplina imposta.

Desejamos que ellas vejam no trabalho, não um castigo do Senhor, mas uma benção do Ceo.

Queremos que ellas vejam em nós a mão amiga que dirige e conduz e não a tyranna que opprime e maltrata!

Por isso hasteamos desassombrada e confiadamente a bandeira da liberdade, tendo como lemma:

"Trabalho e amor!".

Assim como disciplina não quer dizer sujeição a uma vontade mais forte, liberdade não quer dizer desordem.

Liberdade não é o synonymo de anarchia, assim como disciplina não é o de coacção!

Deus nos fez livres, mas nem por isso podemos praticar o mal.

O mesmo Deus nos quer piedosos e bons mas não exige que sejamos freiras ou monges para nos salvar!

Fujamos dos extremos da má comprehensão!

Não passemos a mão na cabeça de um alumno que faltou a sua obrigação ou disse uma palavra indelicada a uma collega.

Antes, façamol-o ver que o que fez não foi uma bella acção. Chamemol-o á ordem com palavras firmes mas não duras.

"E' indispensavel que a voz que corrige seja energica e doce, disse alguém; se não é energica, a creança não obedecerá e se não é doce, fechará seu coração á mestra porque julgará que ella manda pelo prazer de mandar, e só obedecerá á força".

A professora que está constantemente exaltada, maltrata-se e maltrata seus alumnos.

"E' antes a si propria que a mestra deve fazer violencia se quizer obter verdadeiros resultados no dominio da disciplina".

Os mestres que sem cessar reprehendem seus alumnos, que os tratam com severidade excessiva, julgam-nos disciplinados porque os veem quietos e silenciosos... Nada mais fazem, porém, do que ternal-os sonsos e mentirosos além de lhes amargar a infancia.

Ferrière cita o facto presenciado por elle em Muzzano onde observou duas classes: uma seguindo o antigo regime outra sob o methodo montessoriano.

Numa, havia a disciplina imposta, a disciplina do formalismo; na outra, alumnos e mestra que falavam com naturalidade que trabalhavam com comprehensão.

Silencio de morte na primeira, observa elle, e rumor de colmeia em actividade na segunda.

Foi-lhe dado apreciar e observar depois a sahida: gritos, empurrões e sopapos na classe tradicional; os outros sahem sem nenhuma mudança no aspecto: brincam e folgam com a mesma naturalidade com que trabalhavam.

Evitemos que alguém observe que na nossa classe ha silencio de morte, havendo em compensação reacção e explosão á sahida!

A verdadeira disciplina não é a de braços para traz, não é a de alumnos transformados em estatuas, e sim a que naturalmente se faz na classe porque a aula é interessante.

Cumpra pois á mestra saber interessar sua classe, provocar nella a curiosidade (tão grande na infancia!), para que haja interesse.

Onde ha interesse, ha attenção e trabalho, onde ha trabalho, ha alegria, onde ha alegria, ha a disciplina sã, natural que os proprios alumnos ignoram.

Que a mestra attenda ás perguntas dos alumnos com respostas simples e satisfactorias, que desenvolva nelles o gosto pelo estudo, pelo trabalho, o desejo de aprender, de saber, para ser hoje alguma coisa na classe e amanhã alguém na sociedade!

A mestra que não se dá ao trabalho de conduzir, de dirigir seus alumnos e os deixa entregues a si mesmos, terá uma classe desordenada, barulhenta, grosseira, indisciplinada!

E aquella que trabalha sozinha, todo o tempo falando, sem dar uma oportunidade aos seus alumnos, terá uma classe desattenta, aborrecida, cheia de cansaço e preguiça!

Alumnos e mestra deverão trabalhar juntos, e a professora se esforçará para que haja sempre trabalho na sua classe: trabalho novo, interessante e variado.

"A disciplina, diz Lambert, é para a classe o que o termometro é para o doente. Ella indica se a aula é bem ou mal dirigida, se a professora tem ou não aptidão didactica, da mesma forma que o termometro marca ao medico o estado febril do doente".

A disciplina é, pois, consequencia de uma boa aula e não esta consequencia daquella.

Entremos na classe sempre de bom humor para crear aquelle ambiente de alegria que se faz necessario.

As creanças não têm culpa de que nem sempre a vida nos corra bem....

Não custa nada um sorriso, um gesto carinhoso, uma palavra de amizade!

Sejamos alegres, mas dignas; affaveis, mas sem preferencias; bondosas, mas sem fraquezas.

Que os alumnos sintam em nós a maciez do velludo mas que ao tocar com mais violencia comprehendam que esse velludo envolve uma barra de ferro.

Porque se o alumno descobre que o sorriso e bondade da mestra indicam fraqueza e timidez, tudo estará, perdido!

Ouvi Jonathas Serrano: "O mestre mais respeitado não é o que mais usa de autoridade ferrea de sobreceño carregado e sim o que se faz querido e persuasivo pela bondade sem fraqueza e sabe crear um ambiente de alegria e amor ao trabalho".

Procuremos, pois, collegas nos fazer queridas pela bondade!

Não pode colher rosas quem só sementeiras espinhos...

Semeemos bondade e amor para colhermos amizade e gratidão! Saibamos crear na escola esse ambiente de alegria e amor ao trabalho que veremos sempre, como já em nossos dias vemos: as creanças tomarem presurosas o caminho da escola sem que para isso seja preciso a intervenção dos paes.

Despertemos e desenvolvamos na creança o amor ao trabalho, façamol-a trabalhar, trabalhar com prazer, interesse e alegria!

Hasteemos o estandarte do amor á infancia porque "O amor tudo vence!" E' lei da vida!

O proprio Jesus nos deu o exemplo do amor aos pequeninos quando disse:

"Deixae vir a mim as criancinhas"... Quem não ama um roseiral em flôr num dia de sol brilhante?

Quem não admira os lyrios — "thuribulos de prata?" os malmequeres "pequeninos sóes que estrelam de ouro e prata as bordas dos caminhos?".

Quem não quer bem ás flores, "essas outras estrellas que um anjo na terra perdeu?".

Pois ha muita semelhança, diz Olavo Bilac, entre as creanças e ás flores.

Amemos as creanças!

Ellas são as flôres vivas da Natureza e cada qual tem seu perfume, graça e fragancia; cumpre-nos fazer desenvolver essa graça e fragancia, matando as pragas que porventura lhes roam o calice novo e fragil!

Amemos, trabalhemos e façamos trabalhar, não deixemos nossos alumnos entregues a si mesmos, não os obriguemos á disciplina do formalismo, espalhemos alegria e bom humor na nossa classe, — que teremos a chave simples do enigma complicado para muitos: — a disciplina na liberdade.

ZINA MAGALHÃES

Toda correspondencia para esta publicação deve ter este endereço: "Revista do Ensino".
— Secretaria da Educação.

E' possível administrar bem os negócios publicos sem estatística?

Benedicto SILVA

(Assistente da Directoria de Estatística do Ministerio da Agricultura)

Um ligeiro raciocinio habilitará qualquer pessoa de mediana leitura, a quem fôr feita essa pergunta, a responder resolutamente — não!

A historia, o grande documentario da evolução da humanidade, menciona que desde os tempos mais recuados os povos conheciam e empregavam processos incipientes e imperfeitos que se perpetuaram na tradição e hoje, aperfeiçoados, se enquadram no campo de acção da estatística.

E' evidente que entre o censo geral realizado na China por ordem do Imperador Yao, segundo Confucio, 2.200 annos antes de Christo, e os famosos "numeros-indices" de Irwing Fisher, fructos da technica requintada do seculo XX, se interpõe uma distancia tão vertiginosa que talvez não se possa determinar.

Não será de certo menor o contraste entre o censo territorial do Egypto, que Ramsés II mandou levantar, 1.400 annos antes de Christo, conforme depõem as inscrições encontradas em certos monumentos pharaonicos, e o *trend* americano, maravilha da estatística moderna.

Nem por isso o methodo que recebeu, em 1749, o nome de estatística, ou seja o *estudo numerico dos factos sociaes*, deixa de ser uma fórmula altamente adelantada e desenvolvida dos processos adoptados pelos povos antigos, os Israelitas, os Egyptios, os Babilonios, os Assyrios e outros, na avaliação quantitativa de seus exercitos, de suas terras, de seus bens moveis, inclusive o elemento escravo. Até os censos da população não eram estranhos aos povos antigos, sobretudo aos Gregos e Romanos. Estes ultimos procuravam conhecer e relacionar, para effeitos tributarios, como o testemunha a Bi-

blia, a população dos paizes submettidos ao seu Imperio. Foram elles que crearam uma das instituições mais uteis da estatística demographica — o registro *systematico* dos nascimentos e obitos.

A estatística sempre esteve presente, como se vê, nas cogitações dos povos e foi trazida aos nossos dias por um *processus* que se poderia chamar de *continuidade historica*. O allemão Schlozer disse, aliás, que "*a estatística não é senão a historia em repouso, assim como a historia não é senão a estatística em movimento*" — tão íntima ligação existe entre ellas.

Os factos que acabamos de apontar, cuja procedencia é facilmente verificavel, indicam que ella, ~~em~~ muitos seculos antes de ser methodizada e de receber o nome actual, já se fazia indispensavel aos interesses collectivos.

A' medida que o progresso humano veiu crescendo através do tempo, a necessidade latente de um methodo de pesquisas numericas dos factos sociaes foi-se tornando, parallelamente, clara e sensível, até que, como reflexo do desenvolvimento de algumas sciencias e do apparecimento de outras, essa necessidade deixou afinal de ser um problema.

Surgiu na Allemanha e na Inglaterra, nos fins do seculo XVII, sob fórmãs diferentes, ainda imprecisas e confusas, o methodo estatístico independente, então considerado sciencia autonoma.

Crystalizou-se, então, o methodo estatístico sob a fórmula de *contabilidade social*, que se applica a todo um vasto campo de acção bem definido e por meio de recursos proprios, scientificamente systematizados.

Como disciplina moderna, enriqueceu os cursos universitarios, penetrou nos laboratorios das sciencias naturaes como auxiliar preciosissimo, invadiu os dominios da economia politica, deu consistencia ao conhecimento geographico, fez-se necessario á industria e ao commercio, contribuiu fortemente para o maravilhoso advento da reforma pedagogica, do "Taylorismo", da *psychothecnica* e da racionalização,

em todas as suas modalidades. Transformou-se, numa palavra, em instrumento valioso e ductil de observação, sempre que esta se exerce pela *mensuração* dos factos observados. Toda vez que o homem civilizado tem necessidade de *medir*, parcellar os eschematizar, para comprehender melhor, os phenomenos de uma serie numerosa, é ao methodo estatistico que recorre.

A universalização de um instrumento de estudo assim tão prodigioso foi automatica. Reclamou-a uma imperiosa necessidade mundial do progresso humano.

Hoje, os paizes mais adeantados do globo, sem excepção de um só, são forçados a prestigiar o methodo estatistico, ao qual os poderes publicos, seja qual fôr a forma de governo, na Italia "Fascista", na Allemanha "Nazista", na Russia Sovietica, na Inglaterra Conservadora, na America Presidencialista, nas Dictaduras e nas Democracias, recorrem diariamente, pedindo informações e esclarecimentos que somente a Estatistica pode fornecer, porque somente ella tem a facilidade de devassar, pela *mensuração*, os segredos dos phenomenos collectivos susceptiveis de representação numerica.

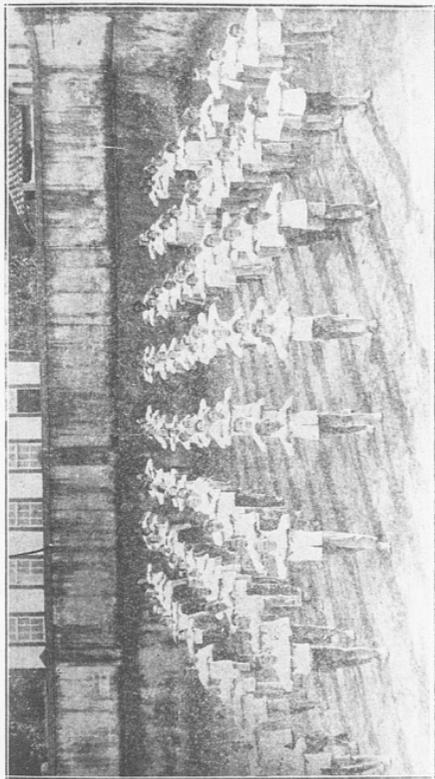
Só ella pode determinar a extensão, ou antes, a *quantidade* dos factos sociaes. Ella detem, por isso, uma exclusividade pacifica e perpetua, contra a qual é inutil se insurgir.

Mais de um pensador já se tem mostrado surprehendido com esse monopolio indismontavel da Estatistica, distinguindo nelle todos os caracteristicos de uma verdadeira tyrania, a que até a maior parte das sciencias é obrigada a submeter-se.

A Estatistica é o *unico* meio de que dispõe um paiz para realizar o celebre mandamento do philosopho grego: "conhece-te a tí mesmo".

E' bastante attentar num factio sobremodo expressivo, escape á observação commum, para se ter a noção exacta da indispensabilidade da estatistica. Nenhum outro methodo scientifico logrou, até hoje, uma officialização generalizada como o da estatistica, que se vinculou profundamente á arte

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar "Amanteo Bernardes", do Santo Antonio do Monte. — A Ginnastica

de governar, passou a ser parte integrante de todos os organismos politicos, adquiriu, em summa, os foros de ramo universal da administração publica.

Com o methodo estatistico occurreu, effectivamente, o facto singular de haver passado, com armas e bagagem, do dominio privado, onde nasceu, para o official, ou governamental, onde se installou definitivamente. Eis a razão por que são rarissimos os estatisticos que exercem sua actividade profissional fóra da administração publica.

Os que a sub-estimam, negando-lhe a grande importancia objectiva que lhe é peculiar, investem contra uma realidade consolidada pelo tempo, reconhecida a cada passo e proclamada por grandes pensadores, estadistas, philosophos, economistas e conductores de massas da civilização contemporanea.

Menoscarbar ou fazer espirito á custa da estatística é, antes de tudo, um modo innocente mas efficaz de revelar superficialidade, escassez de comprehensão.

Na hora actual, em que os governos das principaes nações evoluem decididamente, obrigados pelas novas condições do mundo, para a economia dirigida, para o contróle immediato da produção e da distribuição das riquezas, como deixar a estatística num plano secundario? Como olhal-a com indiferença neste momento de lucta dramatica, para não dizer dantesca, em que estão empenhadas, dum lado, as actividades economicas e, do outro, as tremendas forças dissolventes da crise mundial?

Parece não ser preciso convencer ninguem de que, em materia de organização, os Americanos não recebem não dão licções, e licções que o mundo inteiro acata e respeita.

Os Americanos são o unico povo da terra que pode jactar-se de ter alcançado o maior desenvolvimento technologico até hoje conhecido, no menor tempo possivel. O que outros povos não conseguiram em seculos, elles realizaram em alguns decenios apenas. Nada ha de mais empolgante, effectivamente, do que o contingente com que os Americanos contribuíram para o patrimonio da Civilização.

A hegemonia americana representa o resultado da vertiginosa efficiencia *yankee*, que, por sua vez, é um fructo directo do trabalho bem organizado. Qual a importancia da estatística nos Estados Unidos, terra da efficiencia? Immensa, absorvente. Os Americanos dão-lhe um tal valor, prestigiam-na tanto, dispensam-lhe tamanha assistencia, que a Estatística americana é, sem duvida, a melhor do mundo. Michael Manoilescu, autor da "Theoria do Protecionismo", affirmou que a "estatística americana, que jámais seria sufficientemente louvada, representa uma das obras primas da civilização moderna"...

A's informações estatísticas está ligada, de certo, a sorte do formidavel plano de reerguimento economico nacional do Presidente Roosevelt.

E não é preciso dizer mais.

Reconheça-se, leal e intelligentemente, a impossibilidade de administrar bem os negocios publicos, principalmente quando estes envolvem complexidades apavorantes como na hora actual, sem o concurso immediato da Estatística.

BENEDICTO SILVA

PALAVRAS DE MESTRES

Os elementos fundamentais do processo educativo são, de um lado, um ser immaturo e não evolvido — a criança — e, de outro, certos fins, certas idéas e certos valores sociaes representados pela experiencia amadurecida no adulto. O processo educativo consiste na adequada inter-acção desses elementos. A concepção das relações entre um e outro, tendente a tornar facil, livre e completa essa inter-acção é a essência da theoria educativa.

JOHN DEWEY

O cooperativismo escolar

(Palestra realizada na reunião do "Circulo de Paes e Professores" do Grupo Escolar "José Paranaíba" (Amazonas), em abril de 1934.)

Carlos da Gama JUNIOR

A marcha avassaladora do cooperativismo no mundo inteiro, mostra, claramente, a excellencia de seus principios de acção collectiva.

O cooperativismo, na phrase de um mestre, nada mais é do que a effectivação, no terreno economico, de uma das leis mais geraes que regem a sociedade humana ou simplesmente animal: — a associação.

Por meio de suas leis economicas que organizam a produção, e regulam a distribuição das riquezas em bases equitativas e racionaes, este admiravel systema economico-social, leva-nos a um conceito mais elevado da vida, e uma nova ordem de coisas em que as relações sociaes (economicas, politicas e moraes) quer entre individuos, como entre grupos de individuos e nações, não terão mais a cercal-as, em breve tempo, o espirito de lucto sem freio e o egoismo sem par, desta época utilitaria que atravessamos, e sim os laços de um entendimento mutuo, collimando apenas a satisfação de necessidades humanas, não se afastando nunca das exigencias do consumo.

O principio essencial do cooperativismo é a solidariedade, é a união.

Nascido nos brumosos começos do seculo XIX, oriundo da imperativa necessidade de mutuo auxilio para oppôr uma solida barragem ao regimen capitalistico de competição desenfreada, tendo como procurador o grande Fourier e como iniciadores de seu movimento em suas caracteristicas vitaes, 28 pobres tecelões ingleses de Rochdale em 1844, estabelece elle, automaticamente, um novo regimen de justiça social e economica, apoderando-se collectiva e gradualmente dos

meios de troca e produção beneficiando productores e consumidores livremente associados.

Esta acção solidaria nas organizações cooperativas de productores e consumidores para a defesa de interesses vitales, engendra novos metodos para a produção e circulação das riquezas, substitue o commercio privado em suas funções distribuidoras dentro de novos moldes, organiza a industria erguida em novo pedestal e dignifica as relações financeiras sobre uma base de ajuda-mutua, humanidade e justiça.

Ha muito tempo que os paizes vanguardeiros da civilização moderna estão organizados cooperativamente, o que nos faz crêr nas grandes virtudes da união, que é força invencível.

O cooperativismo liberta o productor das garras rapaces do intermedio que lhe suga a melhor parte dos lucros que deveria auferir, estabelece pelos seus principios uma melhor organização technica, augmentando assim a produção, de accordo com o consumo, aperfeiçoando os productos, padronizando-os tambem e assegurando-lhes mercados compradores.

Dest'arte, elle controla esses mercados, o que ao productor isolado é inteiramente impossivel.

Ora, o cooperativismo expulsando o ganancioso intermediario, liga directamente o productor ao consumidor. Os lucros que distribue são apenas restituições de uma porcentagem cobrada a maior para as despesas geraes da cooperativa. Assim, essa devolução nada mais é do que o retorno, o reembolso de uma economia feita.

"A cooperativa não distribue os seus beneficios ao capital invertido na empresa, mas ao esforço proporcional que cada cooperador realizou em proveito da instituição", diz Ernesto Poisson, um dos luzeiros do cooperativismo moderno.

Portanto, o cooperativismo, facilita, racionaliza e augmenta a produção, o trabalho e as possibilidades de consumo.

E, o consumidor, finalmente, fica collocado em sua exacta posição na esphera do consumo, "ultimo objectivo de toda a actividade economica".

. . .

Um illustre mestre do cooperativismo, D. Manoel P. Lopez, gerente da grande cooperativa argentina "El Hogar Obrero", frisando a diferença entre a sociedade cooperativa e a capitalistica, disse:

"O *trust* maneja valores de troca, a cooperativa valores de uso.

"A cooperativa *educa* ao fazer do consumidor seu proprio productor e elimina o antagonismo que existe entre o vendedor e o comprador.

"*Moralisa*, uma vez que não pôde enganar.

"*Torna altruistas os seus componentes*, pois que terão interesse em augmentar o numero dos cooperadores para que gozem dos mesmos beneficios.

"*Emancipa*, ao fomentar a economia, devolvendo os lucros ou o excedente do preço cobrado, e ao exigir de cada cooperador sua parte para a contribuição social, tornando-o dono dos productos que lhe são necesarios.

"*Capacita*, ao dar intervenção no manejo da sociedade aos cooperadores e ao seleccionar para a direcção os melhores.

"*Democratiza*, ao dar a todos os associados *eguaes direitos e deveres*, e ao fazer comprehender que o interesse da cooperativa é o mesmo que o dos consumidores e com elle se confunde, contrariamente ás sociedades ou entidades commerciaes, cujos interesses são oppostos aos dos consumidores.

"*Estabelece a egualdade*, ao dar um *só voto* ao associado e não em proporção ao seu capital.

"*Defende a saude*, ao zelar a qualidade e pureza dos productos.

"*Defende o consumidor, contra a especulação, a fraude, os preços, a suggestão dos vendedores, etc.*"

"*Defende o productor contra os baixos preços, que a sua concorrência estabelece, contra o açambarcador, etc.*"

"*Faz da organização uma função social e economica, ao zelar os interesses de todos e de cada um dos productores e consumidores. ao suprimir todos os intermediarios e atravessadores que o commercio utiliza com o seu systema de correctores, commissarios, representantes, órgãos de reclamo, etc., e ao regularizar a produção com relação ao consumo evitando as crises periodicas por excesso ou escassez de produção, evitando as rivalidades commerciaes, origem de tantas guerras, unificando e centralizando a administração, simplificando as compras, uniformizando typos e qualidades, etc.*"

"*Emfim, controla as industrias, impedindo o desenvolvimento das que, dedicadas a productos do vicio e da fraude, malbaratam energias humanas e propagam o alcoolismo e outras miserias sociaes.*"

Pelo que acabo de expor, podeis bem avaliar as bonissimas vantagens que o Cooperativismo nos offerece.

*
*
*

Um systema como esse, que apresenta tão relevantes perspectivas de trabalho e concordia, calou profundamente no espirito daquelles que têm a nobre e fatigante tarefa de encaminhar nas accidentadas trilhas da vida moderna esses pequenos seres, que constituem a mocidade escolar, de hoje, e os cidadãos de amanhã.

Uma das modalidades características da Escola Nova é a importancia que nella se dá, ao desenvolvimento da iniciativa e ao cooperativismo, qualidades estas imprescindiveis a uma bem equilibrada actuação no meio social. Esse espirito novo da pedagogia moderna transforma a escola em um nucleo de dynamismo e aperfeiçoamento de aptidões physicas, moraes e intellectuaes, reveladas no trato quotidiano. E,

assim, o ensino moderno tomando por centro a creança autonoma e de iniciativa, porém, solidario, ao mesmo tempo, com seus pares, teve de crear um ambiente favoravel ao citado desenvolvimento.

Em consequencia, natural e inflexivelmente, fez-se sentir a falta de uma aggremação que, baseada nos preceitos desse espirito novo, se transformasse naquelle meio almejado.

A criação das cooperativas escolares veio resolver o problema. A cooperativa escolar tem por finalidade implantar o sentimento da solidariedade social, destruindo implacavelmente a tendencia muito humana para o individualismo.

Essas cooperativas levarão os seus pequenos societa-rios a esse espirito de collaboraçã e autonomia que tanto precunizam os pedagogos de hoje. Pela sua estrutura democratica a todos nivela, nella actuando no mesmo grão de egualdade, tanto o filho de paes abastados, como o pobrezinho a quem a escola doou uma acção.

Nas cooperativas considera-se em primeiro plano a capacidade de trabalho, e esforço leal e sincero, a intelligencia, a dedicacão perseverante de cada um a favor do inesante progresso de tão elevada obra de acção collectiva.

Pelo esforço de alguns abnegados cooperativistas, em França, floresceu o cooperativismo escolar após a devastadora guerra de 1914, de tão sinistra memoria, e hoje esse paiz conta mais de 4.500 cooperativas desse typo. Esse movimento irradiou-se por outros paizes, contando-se, actualmente, cooperativas escolares numerosas na Belgica, Suissa, Polonia, Russia, Italia, Inglaterra, Estados Unidos da America do Norte, Argentina, Uruguay, além de outros.

Não é exaggero affirmar-se que em todos os paizes está implatado o cooperativismo escolar e nelles se diffundiú, com extraordinario exito, o ensino e a pratica da cooperaçã nas escolas primarias e secundarias.

Em nosso Brasil, no Districto Federal, já se esboça uma notavel iniciativa no sentido do cooperativismo escolar,

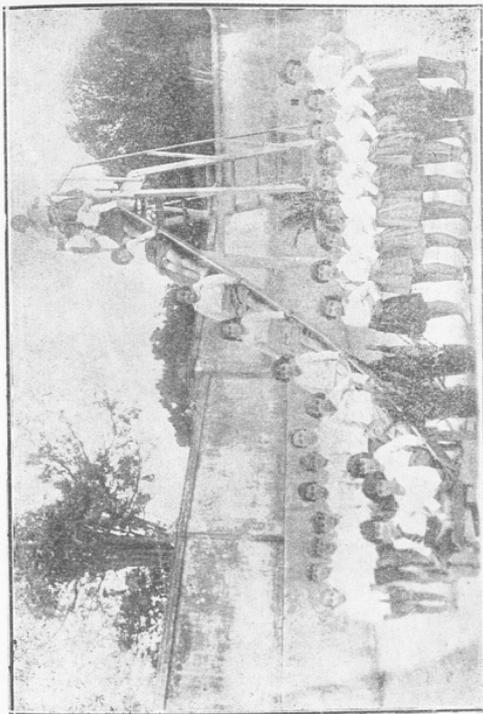
iniciativa essa que vae tendo repercussão em outros Estados da União.

"São varias as vantagens que dimanam do cooperativismo applicado ás escolas: de ordem economica, hygienica e artistica; de natureza moral; de educação social e de indole didactica."

Mas, afinal, que é uma cooperativa escolar? Não é mais nem menos do que uma cooperativa de consumo para aquisição de objectos de uso escolar. Ella é constituída pelos alumnos; é administrada por elles; e elles proprios serão os unicos a gosar de seus beneficios.

Ao organizar-se uma destas cooperativas é preciso, primeiramente, estabelecer si a mesma irá servir só uma classe ou toda a escola. A experiencia e a boa razão aconselham, porém, que ella deve servir a escola inteira, porque as cooperativas para uma classe só, por sua pequenez e por outros motivos sempre falham á função de ensinar aos alumnos os principios elementares de administração e perdem, assim, grande parte de seu valor educativo. Em segundo logar, teremos necessidade de determinar quem terá o direito de fazer compras na cooperativa. Contrariamente á praxe seguida em muitas dessas pequenas administrações, ha a opinião de um grupo de illustres mestres, o qual diariamente augmenta, que aconselha que a venda se faça exclusivamente aos socios, para que os alumnos apprendam a considerar sua instituição não como um armazem commum, onde qualquer pessoa pôde comprar os melhores artigos aos melhores preços, sem se sentir a elle vinculado de modo algum, e sim a consideral-a como uma agremiação, á qual cada um está ligado por laços de ordem moral e material.

Esse pessimo habito de vender aos não-socios, que entre mil perigos e defeitos, tem a unica vantagem de augmentar o volume das vendas, dando maiores lucros á sociedade, começa, agora, a ser seriamente combatido nos principaes meios cooperativistas, em virtude de numerosos fracassos registrados, de transformação de cooperativas em meras empresas mercantis.



VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES

Convém sempre recordar que a finalidade das cooperativas escolares não é sómente o lucro, mas principalmente, a de educar os alumnos no sentimento auxilio-mutuo pelas praticas do trabalho em commum e pela comunidade de esforços. E, ainda, a de despertar-lhes "sentimentos de humanidade e altruismo e de defesa da saude, baseando a sua acção em principios sociaes de combate ás tendencias puramente individualistas, dando a idéa da solidariedade humana, o habito da economia e da providencia collectiva, a bôa fé e a confiança em seus companheiros e mestres, formando emfim o espirito collectivo e o sentido da comunidade", no dizer do grande cooperativista brasileiro dr. Fabio Luz Filho.

O principio da divisão dos lucros entre consumidores, um dos principios basicos do cooperativismo, é universalmente adoptado tem, entretanto, no caso especial das cooperativistas escolares, o inconveniente de exercer uma função negativa na educação cooperativa do pequeno associado, porque, "emquanto tudo se faz para ensinar-lhe que a cooperação significa renuncia do lucro individual por um lucro collectivo, o recebimento da pequena cota de participação nos lucros", vem avivar-lhe o espirito individualista e não solidário, que estava em recessividade.

Assim, melhor é conservar indivisiveis os lucros, applicando-os em obras de acção social.

Os pequenos socios deverão ter a maior liberdade nas deliberações referentes á administração da sua cooperativa. Mas, isto não quer dizer que os professores não estejam sempre attentos para que essas deliberações sejam justas, honestas, uteis, e concordes com as bôas normas da cooperação e para que o que se fizer seja a expressão fiel do que se decidiu. Convém ponderar, entretanto, que essa vigilancia será tanto mais efficaz quanto menos se fizer sentir. Eu me explico: os alumnos não devem perceber que todos os seus passos e decisões são attentamente controlados.

A cooperativa escolar, além do fim utilitario de economia apreciavel nas compras de todo o material pedagogico,

acostuma, praticamente, as creanças a decidir e executar, não passivamente, mas pela consciencia do dever, arcando, por conseguinte, com toda a responsabilidade do que decidiram e fizeram. E' conveniente, por isso, que o maior numero de socios deve participar das operações de compra e venda e do registro de contabilidade, assim como tambem do Conselho de Administração. Em obediencia a isto, de 15 em 15 dias, pelo menos, devem succeder-se grupos de 10 alumnos para as citadas operações de compra e venda e de contróle, ao passo que no funcionamento do Conselho de Administração, perigo algum haverá em serem os seus membros mais numerosos, desde que o mestre que preside e regula a discussão, tiver habilidade de fazer falar e calar sem que a sua acção se faça muito sentir. E' util em dar a conhecer a todos os alumnos as normas da cooperação e as suas inegáveis vantagens.

Não haverá nenhum inconveniente de ser assalariada para os serviços materiaes da pequena instituição, uma pessoa pratica, no caso de serem elles adafidigosos para mestres e alumnos; o zelador da escola, por exemplo. Deste modo, se resolveria outra difficuldade: a da venda do material em aula. E' commum, e todos nós sabemos, o alumno necessitar, em classe, de tal ou qual objecto; e não seria razoavel deixar o cooperador ir compral-o na venda da esquina. De outro lado é imprescindivel prohibir que durante as aulas, os alumnos administradores, attendam a outra cousa que não sejam seus deveres escolares e tambem não é justo, nem aconselhavel, que no recreio, de 15 minutos quando muito, sejam elles obrigados áquellas actividades, porque sendo o trabalho escolar de 3 a 4 horas consecutivas, e passando de uma aula para outra, sem o descanso necessario, elles se fadigariam, em breve, com grave prejuizo da attenção e da instrucção.

Devemos ter sempre em mente "que a cooperativa é um complemento da obra educadora da escola" e não motivo para interromper ou diminuir a sua efficiencia.

São os meus votos mais ardentés para que esta semen-

te que acaba de ser lançada não cáhia em terreno esteril, e ao terminar esta palestra singela, reclamo a vossa indulgencia para o modesto orador.

CARLOS DA GAMA JUNIOR

PALAVRAS DE MESTRES

O horario que isola noções, como coisas autonomas e independentes, presuppõe a possibilidade, por parte do educando, de applicar, em tempo opportuno e com justeza, na solução de casos occorrentes, os conhecimentos accumulados durante o curriculo. A experiencia de todos os mestres mostra que essa supposição não se traduz em realidade: falham na pratica os elementos que foram adquiridos fóra della. "Eu me esqueci..." eu sabia mas não me ocorreu... "em apuros, de nada me lembrei...", e o curso dos acontecimentos não soffre assim o controle do preparo previo que a escola orientou em longos annos de estudo. E' que os alumnos ficam sabendo leis de physica e de chimica, regras de moral e de civismo, sem que essas leis e essas regras interfiram com phenomenos e factos que se lhes defrontam na vida ordinaria. Ficaram sabendo, mas não foram ellas repetidamente applicadas pelos educandos no esclarecimentos de situações em que se ucharam, na resolução de problemas que circumstancias varias lhe propuzeram. A isto conduz, é bem claro, um arranjo de aulas que se succedem sem obedecer ao senso de continuidade de uma vida em desdobraimento, senso originado em contacto com factos sociaes ou com phenomenos e coisas da natureza.

João TOLEDO

O novo plano de educação "Dalton"

Albano RAMALHO

As revistas estrangeiras falam-nos dum plano de educação que, parece, tem dado optimos resultados onde tem sido empregado.

Chamam-lhe o *plano Dalton*, porque foi numa cidade da America, denominada Dalton, que começou a ser posto em execução.

Visto que se trata de um systema educativo americano, que em terras anglo-saxonias está sendo posto em pratica, pois nem só na America, mas tambem na Inglaterra e nas suas colonias é objecto de experiencias sérias, vamos tentar levar aos nossos leitores uma idéa sobre elle, valendo-nos para isso dos elementos de informação que nos fornece um substancioso artigo publicado por M. Grade na *Revue Pédagogique*.

Apressamo-nos a dizer que o plano tenta substituir o ensino colectivo pelo esforço individual, livre, de cada alumno, de forma que elle adquira por si, pelo seu esforço pessoal, os conhecimentos, e forme as suas idéas.

Não se pôde considerar novo este plano educativo. Longe disso. O que tem valor, o que constitue surpresa é a passagem da concepção do plano para sua a introdução na pratica do ensino. Quem tentou pô-lo em pratica? Foi uma admiradora de Montessori; foi uma senhora americana, Parkhurst, uma entusiasta pela renovação do systema educativo, que vê, geralmente, empregado nas escolas da Europa e America.

Miss Parkhurst defende o seu plano com argumentos solidos, convincentes. Cita estas palavras de Emerson, para demonstrar que elle, escrevendo-as, já pretendeu renovar a Escola: "O segredo da educação consiste em respeitar o alumno. Não é a vós que compete *escolher* o que elle ha de saber, o que ha de fazer. Só elle tem a chave do seu segredo. Segundo a vossa maneira de intervir, de o contrariar, de o

dirigir, podeis desviar-o dos seus fins e afastal-o definitivamente do que era bom para elle. *Respeitae a creança*. Esperae para verdes o novo producto da natureza. *Respeitae a creança*, não sejaes demasiadamente seu pae, não violeis a sua solidão."

O PLANO

Primeiro que tudo, affirma a inovadora, com uma audacia bem americana, é preciso libertarmo-nos de alguns instrumentos esterilizadores da energia e da iniciativa, dos processos que fazem da creança um numero na classe, uma especie de exemplar uniforme da humanidade, o alumno, submettido á disciplina marcada pelo toque da campainha, o alumno, especie de *écran* animado pela fita cinematographica das licções e dos professores. Este alumno gasta-se e fica opprimido debaixo da successão dos exercicios tão numerosos e tão regulados.

Nalgumas escolas de ensino intensivo, chega a dizer Miss Parkhurst, faz-se do alumno um enervado e um doente, porque todo o tempo é dispendido em concentrar na cabeça do alumno toda a materia do ensino.

Si o alumno succumbe á fadiga, reanimam-no um pouco por meio de exercicios physicos ou de representações dramaticas, que acceita como uma especie de repouso, mas com o qual nada lucra.

Seria preciso, accrescenta ella, supprimir a palavra Escola, producto dos nossos preconceitos, dos nossos velhos e lamentaveis habitos.

A vida da creança devia ser edificada na alegria, devia permittir livre expansão ás emoções e aos interesses profundos.

A actividade da creança até aos oito annos deve realizar-se em completa liberdade; o pequeno ser humano fará as suas descobertas um pouco por toda a parte. Seguidamente a creança começa a sua educação, e fal-a cada vez mais

conscientemente até aos dezeseite annos, mesmo até aos vinte.

Em todos os grãos do seu desenvolvimento, o individuo — e é ahí que está a originalidade do plano Dalton — tem o sentimento de uma *obrigação definida* que deve cumprir, de uma verdadeira empresa a realizar, para o que deve procurar os meios de a cumprir, de chegar ao fim. Em cada anno a sua tarefa será demarcada deante delle, repartida com clareza em todos os mezes; tomará conhecimento della, emprega a sua energia para a realizar com todo o orgulho proprio do ser livre, que já não é, felizmente, o objecto dos esforços de alguém, mas que é, sim, um *agente* que aprecia as suas responsabilidades.

A ESCOLA

Tudo vae concorrer para incitar o alumno ao trabalho.

Uma casa confortavel tem um gabinete, ou laboratorio, para cada materia, e officinas para os exercicios praticos.

A porta das salas de trabalho, diferentes cartazes muito claros, indicam qual a tarefa do mez, segundo o grão de desenvolvimento do alumno. A creança entra numa dessas salas, munida do seu caderno de apontamentos, e ahí fica o tempo que lhe appetitece, passa a outro ou descança algum tempo; decide por si só sobre a direcção e duração dos seus esforços.

Em toda a parte o meio favorece a sua applicação. O gabinete de Historia offerece-lhe as obras, gravuras, quadros chronologicos, etc.; o de Geographia, com os textos necessarios, globos, atlas, vistas, etc.; o de Literatura, as obras dos maiores escriptores.

Depressa se firmará nesses laboratorios uma especie de contagio de trabalho entre todos os *estudantes*; ha uma força de incitamento, de estimulo em toda a collectividade, poderão auxiliar-se mutuamente, aconselhar-se uns aos outros, rivalizar no ardor das investigações; farão, individual-

mente ou por grupos, mas sempre amigavelmente, appello á competencia do professor, do chefe do laboratorio, sempre presente.

A maneira, diz Miss Parkhurst, como os alumnos dispendem a sua actividade nos laboratorios, nos gabinetes, as suas alegrias e prazeres nas occupações diarias, a sua paciencia e boa vontade, offerecem um quadro no qual os adeptos da velha Escola difficilmente poderão acreditar, elles que assistem a uma especie de tumulto, de motim, quando o accaso liberta as energias comprimidas.

A creança é, desta forma, mantida no emprego do seu esforço porque entende bem o que faz.

Como todo o ser humano, é orgulhosa com as suas forças e não poderá admittir o desperdicio.

A organização dos laboratorios torna-lhe sensivel a individualidade das materias.

Não lhe é apresentada cada uma dellas por pequenas doses "á colher", diz Miss Parkhurst: a materia apparece em toda a sua importancia, é em si um organismo.

Os laboratorios, visto que existem, dão aos alumnos o instincto da Literatura, da Historia, das Sciencias, etc. Estes termos não são as etiquetas de lições successivas, mas o nome de realidades.

No interior de cada sala o alumno pode ver a escola dos trabalhos segundo a idade, a força dos seus companheiros (classes diversas ahí figuram); e o professor indica, quando o desejam, qual o ponto de partida e de chegada, abre perspectivas e suggere que voltem a tratar assumptos que ficam atraz. O espirito da creança pôde assim ligar-se a um conjunto solido. As materias têm, ao mesmo tempo, uma estreita relação. O plano de Dalton incita engenhosamente a creança a ir de laboratorio a laboratorio. Não só é necessario que ella adquira um certo numero de conhecimentos de toda a ordem, mas que encontre uma maneira de fazer circular por toda a parte um esforço da mesma natureza.

O espirito positivo vae primeiro á officina, ao laboratorio de experiencias; dirige-se em seguida á sala de mathematica onde se farão os calculos sobre os dados precedentemente estabelecidos, emfim, á sala de Lingua e Literatura, onde o professor terá principalmente de examinar a precisão e clareza do resumo escripto dos trabalhos.

O imaginativo pôde seguir o caminho inverso e descer do recinto literario á sala do desenho, onde tentará realizar com ardor a visão de belleza que teve no decurso da sua leitura ou da sua meditação.

A creança sente, reconhece a obrigação de não limitar a uma só manifestação a sua actividade, que seria singularmente empobrecida.

Os seus successos, as suas difficuldades, os seus aborrecimentos, hão de surgir, mas não instructivos egualmente.

Ao mesmo tempo forma-se o ser social. O espirito abre-se, com effeito: algumas comparações se proporcionam, surgem pontos de vistas numerosos e variados, rectificam-se os erros muitas vezes, reconhecem-se e espalham-se as conclusões exactas.

Os caracteres formam-se e affirmam-se tambem.

Um sentimento commum, o culto da verdade, a consciencia que veiu procural-a, formam o laço vigoroso da pequena collectividade.

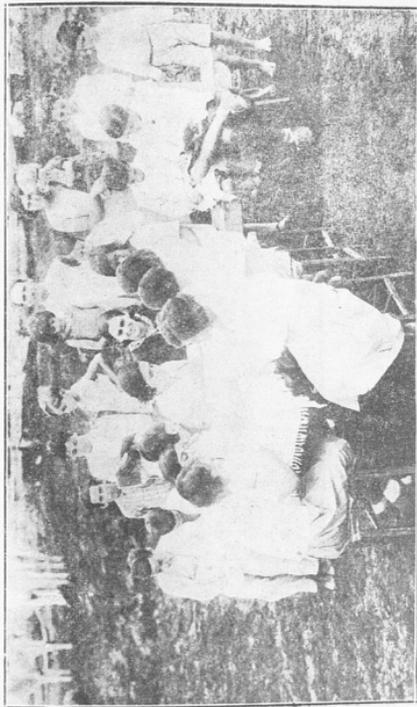
Assim, se crêa o melhor fermento social.

COMO PROCEDE O PROFESSOR

Exposto o systema educativo segundo o plano Dalton, resta ver como se exerce a acção do professor, como é que elle pôde ser o excitador da actividade, o auxiliar seguro, o amigo intellectual, sem canalizar uniformemente os esforços e reduzir as originalidades.

O seu primeiro dever é nunca impor os seus gostos, as suas idéas.

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar "Amancio Bernardes", de Santo Antonio do Monte. — Tomando aulas em um "projecto".

E' facil suggestionar as creanças.

Miss Parkhurst entende que nunca é honesto fazel-o.

O director de uma escola tem como dever principal fazer comprehender a cada professor que o apreciará conforme souber fundir a sua acção com a dos collegas.

Cada professor tem a fazer uma unica investigação: como combinar o seu esforço com o dos outros, de maneira que cada alumno tenha a impressão de um conjuncto equilibrado, harmonico nas suas partes, de maneira que no seu trabalho de exploração, de conquista, quando abordar num ponto este pequeno mundo do saber, possa encontrar o meio de ahí penetrar e de ahí traçar o seu caminho.

As diversas disciplinas auxiliam-se, mutuamente, casam-se.

A este respeito cada escola realizará combinações originaes.

Miss Parkhurst lembra a estreita união que póde existir entre os trabalhos effectuados no laboratorio de experiencias ou na sala de Desenho e as investigações em Sciencias, em Historia, em Geographia e até em Literatura.

Quando os professores se têm combinado, quando confrontem as exigencias das suas disciplinas, cada um determina, afinal, quaes os assumptos de estudo a expor aos alumnos, segundo a classe, para o mez seguinte.

Preoccupando-se com a sciencia e educação dos alumnos, o professor affixa nas portas dos laboratorios as series de assumptos a tratar.

O pequeno mundo da Escola assemelha-se ao mundo ordinario mas differe delle ao mesmo tempo.

Este tambem nos põe questões, mas estas são nebulosas, obscuras, incoherentes, apanham-nos de surpresa, e exigem uma resposta immediata. As do mundo de Dalton são precisas, claras, particulares, permittem que sobre ellas se pense e se responda na hora opportuna; não são brutaes e espinhosas, são atrahentes.

O professor conhece a natureza da creança, sabe despertar a sua curiosidade sem a fatigar, abre o campo de acção ás diversas aptidões, colloca o fim sufficientemente longe para provocar o esforço, mas não demasiadamente para que o não vá desalentar, indica-lhe livros, instrumentos, etc. A creança decide-se, impelle a porta do laboratorio, entra, depara com o professor num canto da sala, sentirá perto delle o que a vida lhe recusará mais tarde muitas vezes, uma Providencia prompta logo que a solicite.

O papel de professor no laboratorio parecerá apparente, mas é alli tambem que elle deve desenvolver mais tacto e ingenho e usar de maior paciencia. Deve reprimir-se, evitando impellir principalmente os mais adiantados, os mais intelligentes, os que produzem mais satisfação. E' preciso pensar em todos, estudal-os silenciosamente e comprehendel-os, sympathizar com elles, procurar para este uma palavra que o esclareça, de que elle tem necessidade, suggerir um trabalho que satisfaça uma inclinação ainda obscura, revelar cuidadosamente o progresso, mostrar o caminho percorrido, o que falta fazer, entrar nas discussões, nas trocas de idéas entre os alumnos ou esperar, saber-se calar, levar um a exprimir claramente o seu pensamento, outro a descobrir um erro, a manter o ardor no trabalho.

Quando o professor se resolve a dar uma lição, esta deve ser feita num canto do laboratorio ao grupo interessado, ou fóra delle numa sala proxima, não devendo prolongar-se muito a ausencia.

Poderá, de resto, realizar-se de preferencia em certa hora da tarde. Miss Parkhurst admitté as lições dada a condição de serem justificadas pelas circumstancias, dada a condição de serem consagradas a exercicios praticos em comum, de serem utilizadas para interrogações, revisões, que dão a cada idéa a importancia e valor relativos.

Não se deve esquecer que a tarefa deve ser acabada no fim do mez. Salvo alguns retardatarios, muito raros sem duvida, e para os quaes se poderá combinar um trabalho

mais simples, será possível, no fim do mez, reunir todos os alumnos da classe, tratar com elles uma das questões que ultrapassem a sua experiencia ordinaria, mas que têm uma grande importancia humana.

A ESCOLA CENTRAL DE CAMBRIDGE

Após a exposição do plano Dalton, feita por M. Grade, e que vimos de transcrever em grande parte, este professor descreve desenvolvidamente o que viu na referida escola primaria superior de Inglaterra.

Diz-nos que em tal escola se têm applicado as idéas da Miss Parkhurst em algumas materias, notando que nella não houve a revolução radical da organização escolar segundo o plano Dalton, mas sim algumas adaptações judiciosas e prudentes.

Indiquemos algumas passagens da sua desenvolvida descripção.

Na Escola Central de Cambridge seguem um horario-regulamento.

Era necessario um numero maior de salas que o edificio não possui, para dar aos alumnos completa liberdade no emprego das horas.

A entrada na escola é aos onze annos e frequentam-na, em geral, durante quatro annos. Si os alumnos querem obter maior cultura podem frequentar o quinto anno, que constitue a classe superior.

A professora de historia, Miss Marley, diplomada pela Universidade de Londres, expoz a M. Grade a forma como organizou o trabalho, dizendo considerar-se satisfeita com os resultados obtidos precedentemente e com os que espera obter no fim do anno.

Durante o anno escolar de 1921-1922 abordou um importante assumpto com os alumnos da classe superior: "A Europa a partir de 1915".

Afim de facilitar as leituras, a professora deu dez pontos a estudar durante o trimestre, de quatorze semanas aproximadamente, cada um delles referente a um Estado, e as alumnas começaram, conforme a sua preferéncia, por um ou outro Estado.

Ao fim de cada mez Miss Morley julgava e criticava os trabalhos.

O interesse das alumnas foi vivamente excitado porque a materia não tinha sido tratada anteriormente e o estado da Europa nessa altura, que não deixava ninguem indifferente, era explicado gradualmente pelas alumnas.

Subimos ao primeiro andar, diz M. Grade, e encontramos o laboratorio de Sciéncias inundado de luz. Em volta de uma mesa rectangular encontravam-se installadas raparigas de doze annos.

Uma prateleira bastante larga, em volta da sala, contém numerosos grupos de instrumentos e apparatus para experiencias.

A professora acaba de explicar ás suas alumnas quaes as investigações que devem fazer, indicando-lhes os termos do problema e enumerando-lhes o material necessario.

As alumnas estão promptas e, de aspecto alegre, vivo, vão realizar tarefa de sabios; uma dellas já tem na mão um barometro tão alto como ella e consulta-o cuidadosamente. M. Grade nota nesta altura que as Sciéncias em Inglaterra, muito antes da applicação do plano Dalton, já eram ensinadas segundo um methodo puramente experimental, fazendo cada alumno as suas descobertas, e que a Escola Central, assim como outras instituições escolares britannicas, não teve muito a inovar.

Miss Churchill conduziu M. Grade ao seu gabinete, respondendo promptamente ás suas perguntas.

Foi em Literatura que ella primeiramente teve a idéa, no ultimo anno, de tentar a applicação do plano Dalton. Os

resultados satisfactorios animaram-na a continuar no emprego de esforços na mesma direcção. Não só o ensino da Literatura, da Historia, mas o Francez, pelo menos em parte, iam ser ensinados dahi em deante segundo o novo modo.

M. Grade teve a curiosidade de, por fim, interrogar as alumnas sobre as suas impressões quanto ao plano Dalton. Estas, em grande maioria, declararam-se satisfeitas com o plano.

Disseram que trabalhavam com mais enthusiasmo, com maior fervor, estudando com mais profundidade, tomando interesse nas investigações pessoais, nas descobertas, divertindo-se com a leitura das illustrações. As consciéncias escrupulosas encontram satisfação em se demorarem sobre as difficuldades, em insistir nellas e fazer interrogações. Parece que o plano proporciona meios de desenvolvimento intellectual e moral; todas as professoras constatarem este facto.

Cada personalidade encontra o seu caminho, felicita-se por isso, chega pouco a pouco a revelar-se.

.
.
.

M. Grade, apreciando o plano que, em parte, viu applicar, nota que elle reflecte o espirito anglo-saxão, que se oppõe ao genio latino.

Diz que os latinos excitam a intelligencia, fazem demonstrações e incitam as alumnas a fazel-as e desenvolvem o raciocinio.

O plano Dalton dirige-se aos instinctos profundos, ás inclinações, ao temperamento, ao caracter.

No fundo contraria vivamente os nossos habitos e principios, seduz porque é novo, estranho, e nos força a reflectir sobre a propria essencia dos methodos.

E' perigoso abandonar o alumno desde o principio á sua inexperencia absoluta.

Deve ser abandonada a missão do professor como intermediário ?

Miss Parkhurst receia nas nossas lições a personalidade do professor, mais prejudicial do que útil.

Saber incitar a criança a manifestar-se e a esperar, eis ahí, segundo M. Grade, o que é preciso, sobretudo, reter do plano Dalton, preocupação necessaria, principalmente no periodo da adolescencia, quando desabrocham tão diversamente, como num segundo nascimento, o juizo, o gosto e o sentimento.

Poderá haver exaggeros no plano Dalton; ha -os para o nosso espirito e modo de ser latino; é-nos difficil comprehender que aquella orientação seja a melhor para se conseguirem bons resultados no ensino, porque lhe encontramos inconvenientes graves, mas devemos render-nos á evidencia de muitas verdades pedagogicas contidas no plano que vimos de expôr.

Devemos constatar que nelle ha pensamentos profundamente verdadeiros, que desejaríamos ver perfilhados e postos em pratica nos nossos estabelecimentos de ensino.

ALBANO RAMALHO

PALAVRAS DE MESTRES

Interesse verdadeiro é o resultado que acompanha a identificação do "eu" com um objecto ou idéa indispensavel á completa expressão de uma actividade que o proprio "eu" iniciou.

JOHN DEWEY

Problemas ruraes do Brasil

(Conferencia realizada durante a Semana Ruralista de Itanhadá, promovida, pela S. A. A. T.)

Dr. A. Sabola LIMA

Permitti-me dizer-vos todo o sentimento que essa reu não em mim desperta, como um acto de sadio patriotismo. A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, não sente o regosijo do orgulho satisfeito por ver comprehendido o seu esforço desinteressado pelo povo e pela terra! Não, não é isto que nós sentimos: a verdade aos rigores do inverno. O que nos causa alegria e nos conforta é percebermos que entre a associação que tem por symbolo o nome do grande sociologo e vós, particula do povo mineiro, circula uma intensa corrente de solidariedade moral; é verificarmos que o nosso espirito não é acolhido como forasteiro pela alma deste grande povo: é reconhecemos que fazeis justiça ao nosso amor ao Brasil, sem distincção de zonas.

O applauso que recebemos e que sabemos ser repassado de independencia e sinceridade — apanagio de Minas Geraes — conforta-nos, realmente, o coração, pois vem reforçar o testemunho da nossa conciencia sobre a constancia, a lealdade e o zelo, se não a efficiencia, com que temos procurado servir aos interesses nacionaes.

Em Minas iniciiei a minha vida publica e profundo reconhecimento nutro ao torrão abençoado onde apprendi a ser magistrado com o exemplo da altivez, de independencia, de mineira e de integridade de sua magistratura honrada, digna, culta.

Sempre encontrei nas energias do meu amor á terra mineira o estímulo necessario para servir com ardor á Justiça, que aqui apprendi a cultival-a com dedicação desinteressada e obscura. Minas faz honra em manter a fidelidade ás suas tradições, em preservar inextincto o archote sagra-

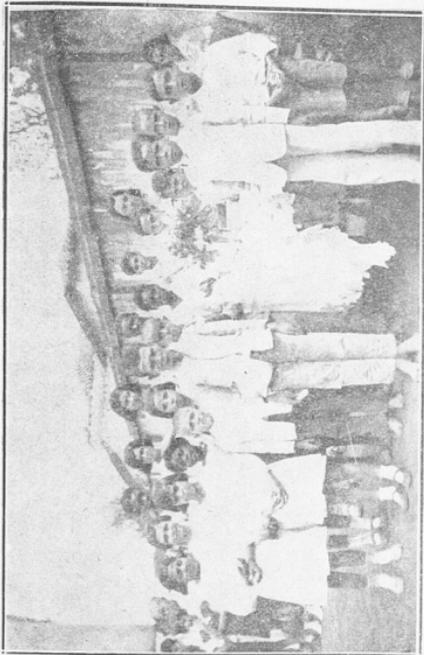
do que os antepassados transmittiram, de geração em geração: em manter vivo através dos seculos, o espirito liberal, que é o sangue, a alma, o verbo de sua historia: em ser o paladino intrepido e invicto da liberdade e da democracia, como recentemente lembrava Waldomiro Magalhães, este autentico mineiro, que é um dos mais preciosos valores do theouro moral deste povo.

E' impregnado do pensamento de Alberto Torres que pugnamos pela volta dos brasileiros á terra, á cultura do solo, onde se acham as nossas maiores riquezas e que será forçosamente a pedra angular da grandeza nacional.

Um dos grandes males nacionaes consiste em ter a mocidade brasileira por causa remotas, sido norteeda pelo emprego publico e pelas profissões liberaes, onde a concorrência é tão grande que quasi todos não encontram senão a mediocridade e ás vezes a penuria, desviando-se das profissões que fazem a grandeza das nações — a lavoura, o commercio e a industria, profissões estas que o trabalho produz a independência material e disciplina o espirito, formando as classes conservadoras, onde se encontram os elementos mais aptos para a direcção dos destinos do pais, como aconteceu no 2.º Imperio, onde seus estadistas iniciaram-se na vida moral.

Mas, como poderá a mocidade brasileira, já agora conhecendo o erro, enveredar espontaneamente por esse caminho, si todas as portas lhe estão fechadas? Si o preconceito do doutorato e o gosto pelo emprego publico foram a principio consequencia de vicios de educação, hoje são tambem a consequencia de estarem nas mãos de estrangeiros o commercio, as industrias e todas as profissões congenes.

Convencer a mocidade da necessidade de abandonar a orientação actual e voltar-se para os ramos de actividade comprehendidas nas profissões normaes, é aconselhal-a utilmente. Mas não basta o conselho: é necessario ensinar-lhe como seguir essa patriótica suggestão. Affirmar que si as profissões normaes do commercio, industria e lavoura dão completa independência ao individuo, illustrar esta verdade com



VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES

argumentos e exemplos concretos, bastarão para convencer o espirito da juventude, mas dessa convicção á volição e á acção vae um abysmo, onde se mistura — os effeitos oriundos dos males da escravidão; a falta de instrucção technica; a grande propriedade das pequenas economias; a ausencia de capital, de credito, etc.

Mas, si no commercio e na industria as difficuldades são as que acima apontamos, no trabalho da terra são peiores.

Como póde o brasileiro explorar a terra, com a falta de transporte, os frétes exorbitantes, sem credito, sem capital, sem amparo normal do Estado? Esperemos que o Banco Rural recém-creado seja util á lavoura. Acrescente-se a isto que as leis sociaes trabalhistas só protejem o proletariado urbano. Para estes limitação das horas de trabalho, salario minimo, caixas de aposentadorias, soccorros medicos. Para o proletariado agricola, nenhuma protecção.

No entanto, como ensina Alberto Torres, "o problema social, em sua verdadeira e profunda feição, não exprime outra coisa senão a investigação dos meios de estabelecer a sociedade sobre bases que garantam a todos os individuos uma intensa segurança economica, que não só os liberte da possibilidade do temor da miseria, senão lhes assegure tambem meios de bem estar, de educação e de cultura, em todas as situações da fortuna.

O problema do proletario é apenas uma face do problema social, geral e permanente. Os mais imperiosos deveres e as mais pesadas responsabilidades competem ao Estado. Na sua dependencia estão as bases mais vigorosas da produção, o aparelhamento dos transportes, a faculdade de regularizar as trocas, de incentivar a exportação, de favorecer o credito agricola, de facilitar o trabalho, de legislar com *sabedoria e não ao sabor dos interesses particulares*, em torno dos problemas collectivos. Uma das accusações mais correntes lançadas ao povo brasileiro é que elle espera sempre tudo do governo. A esta accusação, respondemos com Alberto Torres, "que as nações modernas não se formam ex-

pontaneamente, são obras d'arte politicas" e que "não ha relação jurídica, politica, economica, moral a que o Estado não leve o apoio de sua força collectiva, para manter a homogeneidade social ou para animar e favorecer a iniciativa, o esforço, a cultura, a instrução, o progresso individual. E' fora de duvida que a marcha e a sorte das sociedades resultam dos actos, do temperamento e do carater dos dirigentes".

Sem a acção administrativa muito será sacrificado o nosso enriquecimento economico. Como diminuir o custo da produção nacional, reduzir os frêtes, os impostos, organizar o credito agricola, o cooperativismo, difundir o ensino profissional e tecnico, fazer o saneamento rural sem o apoio dos órgãos do Governo? Grande passo nesse sentido representa a Escola de Agricultura de Viçosa, de grande projecção pelos seus resultados nos destinos da Patria.

Com Alberto Torres podemos dizer que "não temos senão motivos para confiar na energia e na capacidade das nossas raças".

"Ao factor moral da confiança cumpre juntar, contudo outros mais importantes, que devem visar a solução dos nossos mais sérios problemas: a consolidação do caracter do povo, pela educação; a defesa de sua economia physica pela alimentação e pela hygiene pessoal, domestica e publica; a defesa da economia social pela politica economica. O erro secular na politica brasileira é de não ter attendido a alguns dos factores da produção, entre os quaes vemos o principal, que é o *homem*".

Para fazermos a prosperidade do paiz precisamos cogitar desse factor, do qual fundamentalmente depende o progresso nacional. O homem é que crea riqueza. A politica nacional tem procurado dotar o paiz de melhoramentos materiaes, mas não de formar e instruir o povo brasileiro. Gastam-se milhares de contos em obras sumptuarias nas capitães e deixa-se abandonada no interior do paiz e no sertão brasileiro, sem instrução, uma raça que é a nossa raça, que é a nossa carne e nosso sangue, e que assim por culpa nossa condemnamos ao desaparecimento. Por culpa nossa, o cai-

pira, o caboclo, o tabaréu, por os não termos chamado á civilização, vão talvez, desaparecer da nossa historia como raças incapazes, eliminadas pela concorrência.

Formar o homem nacional é o primeiro dever do Estado moderno: ensina-nos Alberto Torres, acrescentando que "todo o problema da vitalidade de uma nação depende do esforço por criar e cultivar o homem são e o homem util".

Os nossos dirigentes deveriam cumprir o programma de educação nacional, que em admiravel syntese traçou o grande sociologo, nosso patrono:

"Demos terra a todos os homens validos, instrução primaria a todos que podem vêr e ouvir; instrução secundaria e superior, a todos os que são capazes, não a dando a nenhum que o não seja; educação social e profissional, tambem a todos; e não temamos o futuro. O Brasil é um paiz destinado a ser o esboço da humanidade futura!"

DR. A. SABBOTA LIMA

AVISO AOS PROFESSORES E ASSIGNANTES

Prevenimos aos srs. professores e assignantes que a "Revista do "Ensino" não é distribuida pela Imprensa Official, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondencia deve ser dirigida.

Não ha assumpto que esteja mais ligado ao da educação que o da guerra. Em todos os paizes, principalmente no Brasil, si os problemas de educação não podem ser cuidados com desenvolvimento, a expansão e a seriedade que lhes são necessarios, é porque escasseiam recursos financeiros, que a preocupação militarista absorve.

Por outro lado, oppõe-se a todo empreendimento educacional a tremenda contradição entre estas duas attribuições conferidas ao Estado: educar e preparar para matar e morrer.

O mesmo poder que estende pelo paiz uma rede de systema escolares para tomar ao seu cuidado as creanças mal sahidas do berço e deixal-as na entrada da vida pratica, aptas para o trabalho, para a vida familiar e para a cidadania, esse mesmo poder está armado da faculdade de atirar em um campo de batalha para ser trucidados pela metralha e pelo obuz, os mais robustos exemplares da mocidade.

Acompanhe-se o percurso de uma creança na vida. Sob a tutela da familia e da escola, desde os quatro annos, ella começa a ser formada e só aos 17 iniciará o seu preparo professional. Professores, medicos, psychologos, psychiatras, dentistas, enfermeiros, são mobilizados para segui-la de perto, marcando seu logar em cada classe escolar, medindo sua intelligencia e sua aptidão, protegendo sua saude, descobrindo sua vocação, subsidiando-a quando pobre, retificando seu temperamento, fortalecendo seu caracter.

De subito — é a guerra. O Estado tambem preparou o cidadão, ainda na adolescencia, para a possibilidade da guerra. O Estado que, durante 15 ou 20 annos, cultivou o seu cerebro, pôz no seu espirito esplendor e alegria, e no seu corpo saude, vigor e belleza, nesse momento apodera-se delle á força e me diz: — Agora suspende a tua ascensão ao destino de ser homem. Vaes matar e morrer. E's menos que um bruto; és uma machina nefanda aparelhada para o cri-

me. O que eu agora quero de ti são os braços para empunhar uma arma de morte, e os olhos para visar com segurança os homens teus irmãos que has de assassinar. Teu pensamento que eu eduquei na piedade, na benevolencia, no respeito á vida humana, no horror á injuria e ao soffrimento, tens que adaptal-o á tua nova tarefa, tens que subitamente natural-o de um furor homicida. E tua vida tens que sacrificar-a sem hesitação, a Patria o exige. Serás um heroe, si, transformando em teu ser todos os instinctos de conservação e de piedade te comportares como uma féra, indifferente á morte e ao assassinato.

O illustre capitão Correia Lima, que ainda hontem retrucou com tanta gentileza ao nosso artigo *A arte de matar*, medite por um momento sobre essa absurda contradição.

Merecedor de todo o respeito por sua sinceridade, por seu zelo patriotico, por seu terror simultaneo pela possibilidade da guerra e pela perspectiva dos perigos que ameaçam a Nação, elle reconhecerá que temos razão, mas talvez responda que esse é o desgraçado destino do homem; que, como na tragedia grega, a humanidade é victima de uma fatalidade inexoravel, a que se não pôde subtrahir, e que a condemna sem remissão ao crime, á crueldade e ao suicidio.

Mas, si é assim, não eduquemos senão para a guerra: assim faziam os povos primitivos e eram logicos.

Não edificuemos o espirito do homem nas virtudes pacificas e altruisticas, mas endureçamo-lo no culto da guerra e da destruição, na desconfiança e no odio aos outros povos, inimigos eventuaes que terá um dia de combater e exterminar.

O conflicto entre a barbaria dos primeiros agrupamentos humanos e a civilização actual que parece haver sido construida por semi-deuses, entre a existencia a accitação das guerras e a cultura contemporanea, é tão agudo que não escapa a nenhum espirito, por menos attento e por mais imbuido de preconceitos.

Esse conflicto explode, agora mesmo nessa burlesca at-

titude de todas as nações do mundo perante a guerra do Chaco.

Ellas ainda estão ensopadas de sangue e de crimes, principalmente as da Europa. Estão preparadas, de mão no gatilho, para a nova hecatombe que se annuncia. Mas todas se mostram preocupadas com a estúpida e selvagem lucta entre os dous paizes sul americanos.

E então resolveram decretar o embargo dos armamentos. Essa hypocrisia tem uma extraordinaria significação.

As fabricas de munições e de engenhos mortiferos só existem para provimento dos povos que fazem a guerra. Si não lhes é licito vender os seus productos, devem ser fechadas.

Os paizes só carecem verdadeiramente de armas quando entram em guerra. Si lhes recusa abastecerem-se, quando justamente precisam de se armar, porque permittir que o façam, quando se acham em estado de paz ?

Tanto vale, municiar um povo que já está fazendo a guerra, como apparelhal-a para uma guerra eventual.

Si houvesse sinceridade nesses propositos, a solução seria a prohibição formal de toda a fabricaçãõ de armas, o que tornaria as guerras impossiveis.

Todos sabem que existem, em todo o mundo, organizações internacionaes, consagradas a desenvolver a industria dos armamentos e a provocar as guerras, por meio de intrigas e subornos, principalmente entre os povos que não exploram essa industria, mas que se abastecem no estrangeiro. O inquerito que presentemente se está fazendo nos Estados Unidos, está fornecendo ao mundo revelações espantosas.

Tudo isso prova que não se acabarão as guerras enquanto as nações não se desarmarem.

E' preciso reconhecer como é difficil a solução desse problema, principalmente devido á incapacidade dos homens que governam o mundo.

E' com manifesta boa fé que o Capitão Correia Lima ainda defende o ponto de vista de que só se evita a guerra estando-se preparado para ella. Mas é certo que toda a historia, inclusivè o episodio da Grande Guerra, contraria formalmente essa asserção. — F.

(Do "Jornal do Brasil")

PALAVRAS DE MESTRES

Os horarios tradicionaes eram prodigos em conservação de tempo especial, e ferteis em divisões e sub-divisões do conhecimento. O dia escolar, fragmentado em periodos fixos de 15, 20, 25 e 30 minutos, fragmentado em rubricas indicadas no numero acima e ainda a — physica, chimica, botanica, zoologia, educação moral, educação civica, geometria, cartographia, hygiene, a desenho, a trabalhos manuaes e... a "lições de cousas", e, ás vezes, ainda a — taboada, musica, declamação. Em algumas escolas nossas, são elles ainda agora encontrados, em sua ingenua pureza primitiva; de multissimas, porém, uma lufada de renovação pedagogica varreu-os para sempre. E com razão... hoje elles são anacronicos. O conceito que os inutiliuu nas escolas elementares foi o de preparação para uma vida por vir, e visava as idéas por amor das idéas, como estoque de conhecimentos para applicação provavel no futuro. E, por isso, as noções eram apresentadas ás creanças, como nas sciencias ellas se encontram, "na ordem crescente de sua complexidade e dêcrescente de sua generalidade", com muita coisa para esquecer depressa, muita coisa inutil, muito desperdicio de tempo e de esforço. Quasi sempre, meros decorativos do espirito, essas noções permaneciam mortas. Hoje, ellas occorrem como esclarecimentos para solução de problema de uma vida, que está sendo vivida, e que viverá ainda, e talvez sempre.

João TOLEDO

O código americano dos direitos da creança

*Transcripto, da Enciclopédia de Educacion,
de Montividéu.*

Alfredo Santiago KENNY

Publicamos a seguir a carta de direitos da creança, aprovada na assembléa celebrada na Casa Branca, sob a presidencia do presidente dos Estados Unidos sobre hygiene e protecção infantil.

A Assembléa, reconhecendo os direitos da creança, como os primeiros direitos da cidadania, compromette-se a defender as prerrogativas para as creanças da America:

I — Para toda creança, uma educação espiritual e moral de se auxiliar e se manter firme sob a pressão da vida.

II — Para toda creança de intelligencia e respeito de sua responsabilidade, como seu direito mais valioso.

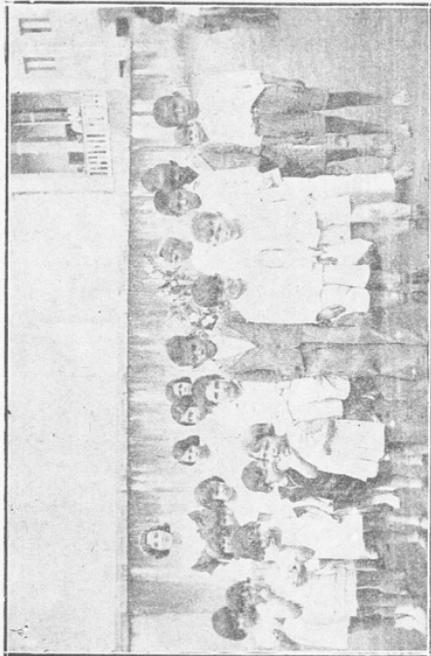
III — Para toda creança, um lar e aquelle amor e segurança que o lar proporciona; e para toda creança que tenha de receber criação alheia, a attenção mais similar á do seu proprio lar.

IV — Para toda creança, a plena preparação para seu nascimento, devendo receber sua mãe assistencia prenatal, natal e postnatal e a organização daquellas medidas que tornem o parto mais seguro.

V — Para toda creança, uma protecção higienica até a adolescencia, inclusive o exame higienico periodico e, quando seja necessario, a assistencia de especialistas e o tratamento hospitalar; exame dental regular e cuidado dos dentes; medidas protectoras e preventivas contra as enfermidades contagiosas; garantia de alimento, leite e agua puros.

VI — Para toda creança, desde o nascimento até a adolescencia, melhoria de saude, inclusivè o ensino e o

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar de Eloy Mendes — Fundação de "Merenda Escolar"

programma de hygiene, recreio physico e mental saudavel com mestres e guias devidamente preparados.

VII — Para toda creança, um domicilio seguro, saudavel e são, com dimensões razoaveis para a intimidade, liberto de condições que tendam a estorvar seu desenvolvimento; e um ambiente domestico harmonioso e enriquecedor.

VIII — Para toda creança, uma escola isenta de accidentes, sã, devidamente aparelhada, illuminada e ventilada. Para toda creança pequena, *crèches* e jardins de infancia para completar o cuidado domestico.

IX — Para toda creança uma commodidade local que reconheça suas necessidades, a proteja contra os perigos physicos, os accidentes moraes e as enfermidades; que lhe proporcione logares sãos e seguros para seus jogos e recreios e adopte medidas para suas necessidades culturaes e sociaes.

X — Para toda creança, uma educação que, mediante a descoberta e o desenvolvimento de suas capacidades individuais, a prepare para a vida, e que, mediante a educação e a orientação profissional a prepare para uma vida que lhe produza o maximo de satisfação.

XI — Para toda creança, o ensino e a educação capazes de preparal-a para uma paternidade, uma vida domestica e uma cidadania adequadas e, para os paes, uma educação supplementar que as capacite a resolver devidamente os problemas da paternidade.

XII — Para toda creança, uma educação para defesa contra os accidentes a que está sujeita pelas condições modernas da vida; não só contra aquelles a que está directamente sujeita, com tambem contra os que, por perda ou impedimento de seus paes, a affectam indirectamente.

XIII — Para toda creança cega, surda, impedida, ou que padeça de qualquer outra normalidade physica, aquellas medidas que descubram e diagnostiquem precocemente o seu defeito, proporcionem assistencia e tratamento e a eduquem de sorte que possa chegar a ser um membro acti-

vo na sociedade em vez de um peso. Os gastos desses serviços serão satisfeitos com fundos publicos, quando não o possam ser privadamente.

XIV — Para toda creança, que entre em conflicto com a sociedade, o direito a ser tratada intelligentemente, como um dever da sociedade e não como um desejo della; o lar, a escola, a egreja, o tribunal e a instituição protectora devem se esforçar para devolve-la o mais depressa possível á corrente normal da vida.

XV — Para toda creança, o direito de se desenvolver com uma familia com um nível de vida adequado e a segurança de um soldo ou salario fixo como a garantia mais firme contra os obstaculos sociaes.

XVI — Para toda creança, protecção contra o trabalho que impeça o seu crescimento physico ou mental, que limite sua educação, que a prive do direito ao companheirismo, ao jogo e á alegria.

XVII — Para toda creança rural, serviços escolares e hygienicos tão satisfactorios quanto para a creança urbana, e extensão ás familias ruraes de facilidades sociaes, recreativas e culturaes.

XVIII — Para completar o lar e a escola de educação da juventude e para dar-lhes aquelles interesses que a vida moderna tende a supprimir ás creanças, dar-se-ão todos os estímulos e incentivos para a diffusão e desenvolvimento das organizações juvenis voluntarias.

XIX — Para tornar utilizaveis essas protecções minimas da saude e do bem estar das creanças, criar-se-ão organizações locaes, provinciaes ou regionaes, para defesa da saude, educação, bem estar, com funcionarios especiaes, coordenando-as em um programma nacional que corresponderá a um serviço nacional de informações, estatísticas e investigações scientificas. Isto subentenderia:

a) funcionarios de saude publica, especialmente preparados, com enfermeiras sanitarias, inspecção medica e investigadores;

b) cama disponíveis nos hospitaes;

c) serviços de bem estar publico para o auxilio, assistência e guia das creanças especialmente necessitadas por sua pobreza, infortunio ou difficuldades de conducta e para protecção ás creanças contra o abuso, o descuido, a exploração ou os accidentes moraes.

XX — Para todas as creanças, estes direitos, sem distincção de raça, cor ou situação, vivam onde viverem sob a protecção da bandeira norte americana.

ALFREDO SANTIAGO KENNY

PALAVRAS DE MESTRES

A capacidade humana de aprender, isto é, o poder de reter de uma experiencia alguma cousa com que se poderá transformar a experiencia futura — é, de sua natureza, indefinida. O homem não aprende por uma necessidade que, satisfeita, faça desaparecer aquella capacidade. Apprender é, muito pelo contrario, uma função permanente do seu organismo, é a actividade pela qual o homem cresce, mesmo quando o seu desenvolvimento biologico de ha muito se completou. Essa capacidade de aprender permite uma educação indefinida, um indefinido crescimento. Tal crescimento é naturalmente muito mais visivel na infancia, onde tem o seu maximo de intensidade, mas nem por isso deixa de perdurar por todo o periodo da vida.

ANISIO TEIXEIRA

*

Onde houver vida ha actividade, e qualquer actividade tem sempre alguma tendencia ou direcção propria.

JOHN DEWEY

Despesas federaes com a assistencia medico-social em 1932

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e Saude Publica).

A estatística dos dispendios publicos com a assistencia educacional e medico-social foi iniciada pelo Ministerio da Educação referente ao anno de 1932. Na parte relativa á organização municipal, o inquerito obteve exito bastante satisfactorio, já tendo sido objecto de anterior comunicação desta Directoria os principaes resultados da investigação realizada. Quanto aos dispendios dos Estados, a respectiva collecta ainda esta em curso, só tendo fornecido as informações precisas, até a presente data, os Estados da Bahia, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Minas Geraes e Pernambuco. Mas já foi possível encerrar tambem graças principalmente ao valioso concurso da Contadoria Central da Republica, o levantamento dos gastos federaes com aquellos ramos da administração publica. E como os algarismos dessa parte da estatística merecem immediata divulgação, este communicado dalos-á a conhecer uma apreciação resumida mas sufficientemente expressiva.

Preliminarmente, no entanto, cumpre esclarecer que, divergindo elles, como divergem, dos da-

dos constantes da estatística elaborada pela Directoria de Estatística da Produção, do Ministerio da Agricultura, não se contradizem as duas series de resultados, como talvez possa parecer a um exame superficial, mas se esclarecem e se completam mutuamente. De facto, a estatística do Ministerio da Agricultura encontrando os totaes de 45.618 e 59.926 contos de réis, respectivamente, para as despesas federaes com a educação e a saude em 1932, ou sejam, 1,60 e 2,10 % da despesa geral e 2,69 e 3,53 % da arrecadação geral, não desmentem a estatística do Ministerio da Educação, onde se registram os totaes de 61.079 e 107.765 contos de réis, ou 2,12 e 3,75 % da despesa geral, ou ainda 3,60 e 6,36 % da arrecadação geral. Isso porque os algarismos desses computos obedecem a pontos de vista diferentes resultando os primeiros de uma classificação geral, onde os dispendios secundariamente relacionados com a educação e a saude tiveram de ficar distribuidos segundo seus fins principaes (administração geral, serviços industriaes, etc.), ao passo que as ci-

tras alinhadas por esta directoria deveriam comprehender, como, como comprehenderam, segundo o criterio unilateral de grupamento que os fins da estatística exigiam, o levantamento geral e meticoloso de todos os gastos que directa ou indirectamente se relacionassem com a assistencia cultural e medico-sanitaria sob a responsabilidade do Governo Federal abrangendo, admais disso, — o que não aconteceu com aquelle outro computo — as rendas internas, para applicação privativa, de numerosos serviços de educação e assistencia sanitaria.

Isto posto, examinemos os algarismos desse ultimo levantamento.

Considerados globalmente os dispendios em apreço, montaram elles a 168.843:8458415, o que, em confronto, respectivamente, com a despesa geral (2.875.022:7798109) e a arrecadação geral (1.695.554:5888600), fornece os indices percentuaes de 5,87 e 9,96. Desse total couberam aos diferentes Ministerios as seguintes parcelas: ao da Educação e Saude Publica 129.980:0678987, ou 76,98 %; ao da Agricultura, 5.764:5178009, ou 3,42 %; ao da Viação, 1.240:9838391, ou 0,73; ao do Trabalho, Industria e Commercio, 20:0008000, ou 0,01 %; ao da Justiça, 4.016:2198043, ou 2,38 %; ao da Guerra, 21.788:9508710, ou 12,91 %; ao da Marinha, 6.033:1078275, ou ... 3,57 %.

A quota já referida, de 61.078:6838677, correspondente á assistencia cultural, tomada esta expressão no sentido lato, foi custeada na importancia de ... 47.079:4498049, pelo Thesouro Nacional (45.421:5828349 de despesas orçamentarias e 1.657:8668700 de despesas extra-orçamentarias) e na importancia de 13.999:2348628, pelas chamadas rendas internas ou privativas de certos serviços, rendas essas, aliás, hoje incorporadas á receita geral da Republica. Attendido ao emprego dessas despesas, obteve a estatística seguinte discriminação: pessoal, 43.525:0578497, ou 71,26 %; material, 11.524:1038014, ou 18,87 %; subvenções e auxilios, ... 2.935:1308097, ou 4,80 %; sem especificação, 2.094:3938069, ou 5,07 %. Considerando, porém a finalidade cultural objectivada pelas despesas de custeio das instituições e serviços federaes, importando em 58.143:5538580, obteve-se esta bem mais expressiva serie de resultados: custeio de instituições de ensino civil, 34.290:5188463, ou 56,14%; de instituições de ensino militar, 13.806:1678576, ou 22,60%; de instituições culturais, 2.580:9058937, ou 4,23%; de repartições fiscalizadoras do ensino, 5.827:2288025, ou 9,54%; de serviços administrativos geraes, 1.638:7338579, ou 2,68 %.

A constituição, porém, do quantitativo de 34.290:5188463, correspondentes ás despesas com o ensino civil, pede analyse mais

detida, visando determinar as quotas com que forem contempladas as varias modalidades do ensino, considerado este segundo os principais pontos de vista.

Ao ensino elemental destinou o Governo Federal 9.729:3018123, ou 28,37 % do total referido; ao secundario, 5.280:0868533, ou 15,40 %; e ao superior, 19.281:1308807, ou 56,25 %. Ao ensino commum foram reservados 31.117:5098459, ou 90,75 %, emquanto que no ensino suppletivo e emendativo se applicaram 3.173:0098004, ou 9,25 %. Doutra lado, levando-se em conta as principais especializações didacticas, verificou-se que a despesa federal com o ensino civil se parcelou da seguinte forma: com o ensino gymnasial 3.494:3118057, ou 10,19%; com o ensino agricola, 4.429:5078266, ou 12,92%; com o ensino tecnico-industrial, 4.150:5388492, ou 12,10 %; com o ensino juridico, 2.884:0088073, ou 8,41%; com o ensino medico, pharmaceutico e odontologico, 9.544:3008850, ou 27,83 %; com o ensino polytechnico, 2.639:8958050, ou 7,70%; com o ensino artistico (de musica e artes plasticas), 2.855:8908767, ou 8,33%; de outras modalidades, 4.292:0668908, ou 12,52 %.

Examinando agora a distribuição regional dos gastos geraes da União com a educação, tomadas as respectivas cifras arredondadamente, merece assinalado que elles sobem a 37.522 contos de réis, ou 61,43%, do seu total,

na Capital da Republica. Depois do Districto Federal, seriam-se as demais Unidades da Federação na seguinte ordem decrescente das importancias que lhes cabem na distribuição daquellas despesas: 1.º Bahia, com 4.497 contos, ou 7,37%; 2.º Rio Grande do Sul, com 4.428 contos, ou 7,25%; 3.º Minas Geraes, com 5.272 contos, ou 5,36%; 4.º São Paulo, com 2.804 contos, ou 4,59 %; 5.º Pernambuco, com 1.659 contos, ou 2,72%; 6.º Ceará, com 1.604 contos, ou 2,63%; 7.º Rio de Janeiro, com 775 contos, ou 1,27 %; 8.º Pará, com 715 contos, ou 1,17%; 9.º Territorio do Acre, com 576 contos, ou 0,94%; 10.º Paraná, com 526 contos, ou 0,86%; 11.º Santa Catharina, com 506 contos, ou 0,83%; 12.º Rio Grande do Norte, com 309 contos, ou 0,51%; 13.º Amazonas, com 301 contos, ou 0,49%; 14.º Maranhão, com 252 contos, ou 0,41%; 15.º Alagoas, com 233 contos, ou 0,38%; 16.º Sergipe, com 216 contos, ou 0,35%; 17.º Parahyba, com 212 contos, ou 0,35%; 18.º Matto Grosso, com 192 contos, ou 0,31%; 19.º Piahy, com 167 contos, ou 0,27%; 20.º Espirito Santo, com 163 contos, ou 0,27%; 21.º Goyaz, com 149 contos, ou 0,24%.

Se passarmos a examinar o parcelamento da importancia de .. 107.765:1618738, a quanto montam como vimos, as despesas federaes com a saude e assistencia medico-social, veremos, em primeiro logar, que as custeadas pelo Thesouro Nacional se exprimam por 106.410:4938457 (des-

pesas orçamentarias 89.604:8878953 e despesas extra-orçamentarias 16.805:6058504, sendo apenas de 1.354:6688281 as que correram por conta de rendas internas.

No exame da applicação do mesmo quantitativo, exame esse que não poudeser muito desenvolvido, encontram-se as seguintes cifras: pessoal 44.270:2758644, ou 41,08%; material, 14.485:2648475, ou 13,44%; subvenções e auxilios, ... 44.492:6558117, ou 41,29%; sem especificação, 4.516:9668502, ou 4,19%.

E na distribuição regional, em numeros redondos, dos mesmos gastos vê-se que, em seguida ao Districto Federal, onde elles se concentram na proporção de ... 92,60%, a quanto corresponde a importancia de 99.789 contos de réis, que os exprime, succedendo-se as demais circumscripções politicas na seguinte ordem, attendendo o vulto decrescente dos valores que lhes cabem: 1.º Rio Grande do Sul, com 1.742 contos, ou 1,62%; 2.º São Paulo, com 889 contos, ou 0,82%; 3.º Minas Geraes, com 711 contos, ou ... 0,66%; 4.º Pará, com 616 contos, ou 0,57%; 5.º Paraná, com 414 contos, ou 0,38%; 6.º Matto Grosso, com 409 contos, ou 0,38%; 7.º Pernambuco, com 400 contos, ou 0,37%; 8.º Bahia, com 366 contos, ou 0,34%; 9.º Amazonas, com 345 contos, ou 0,33%; 10.º Maranhão, com 279 contos, ou 0,26%; 11.º Territorio do Acre, com 274 contos, ou 0,25%; 12.º Ceará, com ..

272 contos, ou 0,25%; 13.º Rio Grande do Norte, tambem com 272 contos, ou 0,25%; 14.º Santa Catharina, com 225 contos, ou 0,21%; 15.º Rio de Janeiro, com 224 contos, ou 0,21%; 16.º Piahy, com 148 contos, ou 0,14%; 17.º Espirito Santo, com 106 contos, ou 0,10%; 18.º Alagoas, com 100 contos, ou 0,09%; 19.º Parahyba, com 91 contos, ou 0,08%; 20.º Sergipe, com 87 contos, ou 0,08%; 21.º Goyaz, com 6 contos, ou 0,01%.

Encerrando estas breves notas salientaremos ainda que, tendo sido, em 1932, de 1.239:330:2428500, as "receitas de impostos" no exercicio em exame, importancia cuja decima parte monta a 123.933:0248250, e se já então estivesse em vigor a norma fixada no artigo 156 da Nova Constituição, teria sido preciso que o Governo Federal houvesse despendido em vez dos ... 47.079 contos de réis, que de facto gastou por conta dos recursos do Thesouro Nacional, nada menos de 76.858 contos, o que excede de vez e meia aquella quantia.

Por onde já se pode julgar da importancia que vai te para o paiz, sob todos os pontos de vista o cumprimento daquelle dispositivo constitucional, para o que talvez possa fornecer a formula adequada, prodente e segura a Convenção Nacional de Educação mandada realizar pelo Decreto n. 24.787, de 14 de julho ultimo. E isto não será dos menores servicos que se podem

esperar da auspiciosa iniciativa do Governo Provisorio, objectivando a solidariedade e a colaboração em unidade de vistas e de acção, de todas as forças governamentais e sociais voltadas para o primordial problema da educação nacional.

PALAVRAS DE MESTRES

Apellar para o presente interesse da creança simplesmente como presente, significa sómente excitar-o; significa brincar com uma força infantil, trazê-la em constante vibração, sem nunca orientar e dirigir para seus fins definitivos. Uma constante iniciação, um continuo recommear, sem chegar a fim algum, é, praticamente, considerado tão desastroso quanto uma repressão continua de iniciativas, em conformidade com os interesses de algum pensamento ou vontade mais perfeitas do adulto. Seria condemnar-se a creança a provar permanentemente e jamais a comer; a ter seu paladar constantemente aguçado sem nunca se lhe dar a satisfação organica que lhe viria da digestão do alimento e sua assimilação em forças vivas.

JOHN DEWEY

Pedimos permuta a todas as publicações congeneres dos Estados e do estrangeiro

A segunda semana ruralista

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública).

Os problemas de sociologia rural concentram em nossos dias a **atenção de numerosos pesquisadores** em todos os centros adeantados do mundo e os resultados dos estudos emprehendedos nessa ordem de investigações já se consubstanciam em abundante bibliographia e nas medidas de prevenção tendentes a tornar mais sadia e agradável a ambientação dos campos e a assegurar a valorização do trabalhador agrícola, transformando-o physica e moralmente, pela educação e pela hygiene. Esse movimento de interesse pela população radieada no *hinterland* tem por objectivo atenuar o perigo do urbanisnio, considerado justamente uma das causas determinantes da situação de impasse a que chegou a civilização em consequencia do desequilíbrio economico e das agitações operarias, produzidas pela desocupação e pelas greves nos centros consumidores super-povoados a custa das zonas em que as industrias primarias definham pela emigração do proletario valido a que seduzem as esperanças, nem sempre renhizadas, de alcançar nas cidades um padrão de vida melhor e um salario mais remunerador, mediante esforço menor do que o exigido pela cultura da terra.

Como um remedio para o urbanismo que se revela uma grave doença social, o ruralismo procura deter o exodo das populações campesinas, impondo aos poderes publicos uma noção verdadeira do problema agrario que não comporta exclusivamente a determinação dos meios materiaes de estimular a produção, mas subentende, a mais, todo um vasto programma de medidas organicas e permanentes attenentes à salvaguarda e ao aperfeiçoamento do seu principal instrumento — o trabalhador amante de sua gleba, confiante no exito dos esforços empregados para valorizal-a physicamente sadio e vigoroso e sufficientemente instruido quanto aos segredos da profissão e dos deveres que lhe incumbem em face de communiidade e da patria.

No Brasil, apesar das condições demographicas desfavoraveis da população, disseminada nos latifundios formados por milhões de kilometros quadrados de area territorial, todas as riquezas exportaveis dependem do solo cuja potencialidade economica, incrementada pela diversidade de climas, exorbita, pelo seu alcance incalculavel, de qualquer previsão. E, todavia, dotado de tantas possibilidades, figura o nosso paiz aquem de outras republicas menores do contra.

tinente no que respeita ao activo das permutas internacionaes; a questão social agita as nossas cidades abarrotadas de gente que emigra do interior, atraída pelas indústrias sem influencia na balança commercial, enquanto os campos se cobrem de matto ou se transformam em pastarias e o homem que fica no sertão, reduzido em sua capacidade de iniciativa pela molestia e pelo desanimo, aferra-se á rotina e á ignorancia, completamente annullado na sua expressão economica e social. O quadro doloroso da realidade brasileira evidencia a premencia de encaminhar, pelo seu verdadeiro rumo, a evolução da nacionalidade, mediante uma intensa campanha ruralista dirigida ao patriotismo dos bons cidadãos e a todos os responsáveis officiaes pelos destinos da Republica.

A Constituição de julho, em varios dos seus dispositivos offerece ao Governo o ensejo de despertar entre os habitantes dos districtos ruraes o interesse pela civilização e pelo Estado de que são cidadão inconscientes e a que se alheia impor não lhe conhecerem os beneficios vehiculados pelo educação e pela assistencial legal. Essa educação e essa assistencia estão previstas na nova lei organica do regime, mas para que sejam instituidas em termos satisfactorios, exigem o concurso entusiasta de todas as forças da nacionalidade, que tem na opinião publica e na iniciativa particular a sua mais ele-

vada expressão. Do muito que poderá conseguir nesse sentido a boa vontade das instituições privadas facultar-nos uma demonstração eloquente a felicidade com que vem cumprindo, o seu vasto programma patriótico a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. A segunda Semana Ruralista do Brasil, a inaugurar-se a 30 do corrente mez, em Ponte Nova, Estado de Minas Geraes, será um novo elo accrescido a cadeia de assignalados serviços prestados ao paz infatigavel entidade propagadora dos ideas torreeanos.

No decurso da alludida semana, professores da Escola de Agricultura de Viçosa e technicos do Ministerio da Agricultura ministrarão aos fazendeiros desejosos de completar o cabedal de conhecimentos praticos que possuem sobre os misteres de sua profissão, cursos relativos ás culturas mais importantes, á sericicultura e á criação de gado. Outros especialistas facultarão ás professoras primarias a oportunidade de melhor se habilitarem e despertar nas escolas o gosto pelos trabalhos do campo, ensinando os jovens a amar e cultiva-la como um desporto, nos Clubs Agricolas que começam a se multiplicar no interior da Republica por effeito da propaganda e da cooperação decisiva da Sociedade em prol da organização desses nucleos utilissimos de educação activa.

A exhibição de filmes instructivos, fornecidos, pelas Escolas

de Piracicaba e de Viçosa e pelo Museu Nacional, tornará ainda mais attrahentes os cursos que bastariam para assegurar á segunda Semana Ruralistica um caracter de indiscutivel relevancia. O esforço educacional projectado não se limita, todavia, ao aspecto predominantemente didactico, visto que serão tambem realizadas, durante a semana, interessantes conferencias culturaes sobre temas que a nossa sociologia rural incipiente principia a focalizar e a discutir á luz dos preceitos economicos e das investigações estatisticas: a situação do municipio na organização nacional, o municipio em faces das capitaes estrangeiras, a condição actual do trabalhador agricola. Outros assumptos palpitanes serão abordados pelos conferencistas, afigurando-se-nos dignos de especial registro as palestras concernentes á obra realizada em Minas pelo grande estadista João Pinheiro e aos trabalhos empreendidos pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres em serviço da alta finalidade para que foi instituida. Minas Geraes, como é notorio, colhe ainda hoje, os fructos da sábia orientação ruralista que o mais avisado dos seus administradores soube im-

primir á direcção dos negocios publicos, impondo-se como exemplo aos nossos homens de governo.

Os discipulos de Alberto Torres, por sua vez, na esphera extra-official, executam sem desfallecimentos um glorioso programma, propagando os ideas do mestre, e estimulando os poderes publicos pelas suas advertencias e suggestões e realizando milagres, graças ao rendimento que a fé da sua boa causa de que se tornaram arautos confere á intensa actuação desenvolvida em beneficio da população rural. O relato dos serviços prestados ao Brasil pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e pelo insigne estadista mineiro integra-se bem entre os objectivos educacionais da Semana Ruralista, recapitulando victoria que desmentem o nosso tradicional pessimismo o hão de despertar entusiasmo e emulações tanto no officialismo consciente das responsabilidades de sua missão, como no seio da propria opinião publica, cujo concurso, na solução dos problemas vites que condicionam o surto normal da nacionalidade, por imprescindivel ao progresso da collectividade, constitue para todos os cidadãos, um indiscutivel dever.

PALAVRAS DE MESTRES

Personalidade e caracter valem muito mais que materias de estudo.

JOHN DEWEY

A conservação dos monumentos de arte e de historia

(Communicado da Directoria Geral de Informaçoēs, Estatística e Divulgaçoō, do Ministerio da Educaçoō e Saude Publica)

O Instituto Internacional de Cooperaçoō Intellectual, de Paris, acaba de publicar uma interessante obra sobre a conservaçoō dos monumentos de arte e de historia, escripta por eminentes technicos na materia, de diversos paizes onde a conservaçoō de taes preciosidades merece attentos cuidados da administraçoō publica.

A elaboraçoō e ediçoō desse importante trabalho foram devidas á efficiente e fecunda accoō do Instituto de Paris na execuçoō de seu programma como orgoō essencialmente propulsor do movimento de cooperaçoō internacional em todos os dominios da intelligencia e da actividade humana, identificando os povos na harmonia das relaçoēs internacionais pela diffusão de acquisiçoēs culturais e scientificas que interessam o mundo inteiro.

Figurando em relevo na excelente e já rica bibliotheca editada por aquelle Instituto, em "*La Conservation des Monuments d'Art et d'Histoire*", volume *in octavo*, de 500 paginas, com 150 gravuras, se encontra a substancia dos trabalhos da conferencia de Athenas, reunida em 1931, para tratar de tão grave questōo.

Dando idéa da materia dos seus sete capitulos, transcrevemos a seguir o que summariamente se contem em recente noticia trazida ao conhecimento do Ministerio da Educaçoō e Saude Publica, a proposito do catalogo das publicações do Instituto Internacional de Cooperaçoō Intellectual de Paris.

"O primeiro capitulo, que se intitula *Doutrinas, Principios Geraes*, serve de introduccoō. Nelle se encontra a exposiçoō dos diversos aspectos do problema da conservaçoō dos monumentos, tal como este se apresenta em diferentes paizes. Esta primeira parte assignala os pontos da evoluçoō das regras geraes em materia de conservaçoō architectural.

conservaçoō dos monumentos, tal como este se apresenta em diparte assignalada os pontos da evoluçoō das regras em materia de conservaçoō architectural.

O capitulo II tem por objecto o que diz respeito á *Administraçoō e Legislaçoō* dos monumentos historicos. Por elle se vê que as leis e regulamentos devem ser encarados como resultantes logicas de certas doutrinas e de certos principios. O legislador, o administrador e o conservador

acharão ahi uteis suggestōes e sobretudo a exposiçoō das tendencias geraes, do que cada um de elles poderá tirar proveito em seu proprio dominio.

O capitulo III, relativo á *Aprecciaçoō do valor dos monumentos*, retem as consideraçoēs de ordem synthetica a que a restauraçoō se deve conformar antes de proceder aos trabalhos de detalhe. Por ahi, se chega, de certo modo, a entrada em materia da conservaçoō propriamente dita dos sitios e dos monumentos. E' tambem o ponto de partida do vasto problema do urbanismo, particularmente delicado desde que se trata de harmonizar as condiçoēs estheticas impostas pelo caracter proprio a edificios antigos com as exigencias da vida moderna.

O capitulo IV, intitulado *Materiaes de Restauraçoō*, estabelece a coordenaçoō dos estudos mais particularmente consagrados á apparellamento e aos materiaes que recorre o architecto em seus trabalhos. Os principios evidenciados neste capitulo são confirmados por observaçoēs complementares nas communicaçōes relativas aos casos particulares de restauraçoō expostos mais adiante.

O assumpto do capitulo V é: *As desagregaçōes dos monumentos. Estudos scientificos e methodos de tratamento*. Os estudos que formam um conjunto neste capitulo fornecem os elementos basicos da materia que se poderia denominar: o diagnostico e a

therapeutica da conservaçoō. Relaciona-se com esses estudos a importantissima questōo das escurturas ornamentaes e dos meios de as preservarmos dos agentes de destruiçoō.

O capitulo VI concernente á *Technica da conservaçoō e exemplos caracteristicos*, forma a parte mais volumosa da obra. E isto se explica pela vastidão do assumpto, duplamente complexo: por um lado, a vida de um monumento está em relaçoō estreita e constante com o ambiente esthetico e historico do paiz e as condiçoēs de toda sorte, peculiares á região em que elle se acha; por outro lado, a diversidade dos materiaes de contruçoō implica estudos e soluçoēs que variam necessariamente segundo o caso considerado.

O ultimo capitulo, intitulado, *A conservaçoō dos monumentos e a collaboraçoō internacional*, é a melhor conclusōo pratica que poderia ter um magnifico apanhado, como o é este livro, acerca da actividade desenvolvida, em nossos dias, no dominio da conservaçoō dos monumentos. O capitulo VII fecha, com effeito, excellentemente esta bella obra apresentando a relaçoō documentada das materias que exigem interpretavelmente uma incessante e estreita collaboraçoō internacional. Demais, encontra-se nelle a ennumeracoō dos assumptos a respeito dos quaes a Repartição internacional dos Monumentos mantida pelo Instituto de Cooperaçoō Intellectual, tem

exercido, com grande effi-
cacia, a acção que lhe cabe e lhe
fôra traçada, como absolutamen-
te necessaria, pelos homens mais
competentes e autorizados em
tão difficil quanto util especiali-
dade a da conservação de
dos mais preciosos patrimonios
da humanidade".

"La Conservation des Monu-

ments d'Art et d'Histoire", de
grande valor e utilidade para os
museus e todas as demais ins-
tituições culturais, está á venda
ao preço de 150 francos france-
zes, podendo os interessados di-
rigir os seus pedidos ao "Insti-
tut International de Cooperation
Intellectuelle" — 2; Rue .de
Montpensier, Paris.

PALAVRAS DE MESTRES

*Seja uma habilidade, seja uma idéa, seja um control-
le emocional, seja uma attitude ou uma apreciação, só as
aprendemos se as praticamos*

ANISIO TEIXEIRA

*

*A fraqueza da educação antiga estava nas suas irri-
tantes comparações entre a immaturidade da creança e a ma-
tutidade do adulto, considerando aquella como alguma cou-
sa de que nos tinhamos de libertar tanto quanto possivel e
tão cedo quanto possivel. Do mesmo modo, o perigo da
nova educação está em considerar as forças e interesses
presentes da creança como cousas definitivamente signifi-
cativas.*

JOHN DEWEY

*

*Toda a aprendizagem deve ser integrada á vida,
isto é, adquirida em uma experiencia real de vida, onde o
que fôr apprendido tenha o mesmo logar e função que tem
na vida.*

ANISIO TEIXEIRA

As publicações do Instituto Interna- cional de Cooperação Intellectual

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do
Ministerio da Educação e Saude Publica)

Merece divulgada em todos
seus aspectos e por todos os
meios possíveis a grande obra de
expansão intellectual que pro-
move o Instituto Internacional de
Cooperação Intellectual de Paris,
atravez numerosas contribuições,
oportunas e substanciaes, no
vasto campo das relações e do in-
tercambio cultural entre as na-
ções do mundo.

No curto espaço que lhe cabe,
este communicado se limita a um
rápido esboço do quadro biblio-
graphico do Instituto Internacio-
nal de Paris, segundo recente no-
ticia relativa á publicação do ul-
timo catalogo das obras que esse
Instituto, por seus sociologistas
e technicos eminentes, publica e
divulga, utilizando os elementos
espirituaes de cultura ao alcance
da sua politica de aproximação
commum nas sciencias, littera-
turas, arte, religiões, attitudes, tra-
dições e, especialmente nos ef-
feitos das novas technicas de
comunicação, taes como o ra-
dio, a cinematographia e a im-
prensa, e em "outras modalida-
des todas convergentes para o
mesmo fim: a harmonia nas rela-
ções internacionaes, pela cultura
dos povos".

"Comprehende esse catalogo

tres grandes secções: a dos pe-
riódicos; a das collecções; e a
dos livros episódicos sobre os
vastos assumptos diretamente li-
gados á cooperação internacional
das idéas. Cada uma dessas se-
cções comporta divisões e subdivi-
sões, correspondentes á diversi-
dade dos objectos considerados.
Citemos alguns exemplos.

A secção dos periodicos pro-
priamente ditos consta, neste mo-
mento, de oito publicações, ás
quaes se vão juntar, dentro em
breve, mais quatro, cujos primei-
ros numeros já estão no plelo. As
oito publicações, de periodicida-
de diferente, algumas das quaes
contam annos de existencia, al-
cançando todas cada vez maior
voga entre os povos mais cultos,
são as seguintes: as duas edições,
uma em francez, outra em inglez,
da revista mensal do Instituto,
"Cooperation Intellectuelle"; a
grande revista technica de arte
"Mousetion", unica no genero, vo-
louno in-octavo, trimestral il-
lustrado, que nenhum museu pó-
de dispensar-se de possuir, nem
technico algum de ler e consultar
assiduamente; o boletim "Infor-
mations Mensuelles", informa-
ções relativas aos museus de ar-
te e de historia e aos monumen-

tos, suplementos mensal da revista "Mousson", o boletim mensal "Musées Scientifiques", órgão de informações do Serviço incumbido dos museus científicos no Instituto; o "Index Transatlanticum", bibliographia internacional das traduções, repertório trimestral; *L'Etudiant à l'Etranger*, boletim semestral; e o boletim "Correspondance Scolaire Internationale", 2 ou 3 fascículos por ano, edição em francez e edição em allemão, órgão do Serviço de correspondencia escolar internacional mantido pelo Instituto. As quatro publicações periodicas que vão apparecer muito proximamente são: a Bibliographia Pedagógica; a Bibliographia concernente á Archeologia e á Historia da Arte; a Bibliographia da Musica registrada; e o Boletim das Artes Populares.

Na secção das *Collecções*, figuram actualmente, publicados, quatorze volumes e, no prelo ou em preparação, quinze, os quaes se repartem entre as cinco collecções: "Entretiens"; "Correspondence"; "Cahiers"; "Dossiers"; "Collection ibero-americaine". Encontra-se nesta ultima, sob o titulo "Le diamant au Brésil, a tradição em francez, prefaciada por Affonso Celso, da obra de Joaquim Felício dos Santos, "Memorias do Distrito Diamantino"; e apparecerão, dentro em muito pouco tempo, na mesma collecção, as traduções francezas do "Dom Casmurro" de Machado de Assis (traduzido por F. de Miomandre de collaboração

com Ronald de Carvalho) e de "O Mulato" de Aluizio Azevedo. Nas outras collecções, ha livros como "Pourquoi la Guerre?", correspondencia trocada entre Einstein e Freud, cujas edições, franchezza, allemã e ingleza, estão quasi esgotadas, e livros publicados tão recentemente quanto aquelle, que tem obtido successo universal não menor, quaes sejam: "Entretiens sur Goethe", "Le Rôle Intellectuel de la Presse", "L'Avenir de la Culture", "Pour une Société des Esprits", "La Radiodiffusion Scolaire", "Bibliothèques Populaires et Loisiers Ouvriers", "L'Entente des Peuples par la Lénesse" e "La Radiodiffusion et la Paix" etc.

A secção dos volumes *episodicos* abrange subsecções relativas a assumptos como: relações internacionaes examinadas do ponto de vista scientifico (economia politica, influencia social de novas invenções, radio, cinema, etc.); relações universitarias; ensino; bibliothecas e archivos; bibliographias; relações artisticas; relações scientificas; relações litterarias; direitos intellectuaes (propriedade scientifica, direito de auctor, do jornalista, etc.) Assim é que se acham classificadas nessas diversas subsecções obras uteis e notaveis, varias dentre ellas já consagradas como fontes de inspiração para regulamentações e accordos governamentais, livros de consulta quotidiana, verdadeiros instrumentos de trabalho, taes como: "A Revisão dos manuaes escolares", "O Guia das Bibliothecas",

eas", "A reorganização do Ensino Publico na China", "O Index Bibliographicus", "O Codico Internacional de Abreviações dos titulos de periodicos", "O Estado e a Vida Economica", (2 Tomos), "Instituições para o estudo scientifico das relações internacionaes", "Repertorio internacional dos Centros de Documentação Politica", "A Protecção internacional do Direito do auctor", "A Propriedade scientifica", "A Conservação dos Monumentos historicos", "Documentos sobre a conservação das pinturas nos museus", "Os monumentos de Arte e de Historia" etc.

Dentre as publicações mais recentes, destaca-se o volume *in octavo* "La Conservation des Monuments d'Art et d'Histoire" de sete capitulos em 500 paginas, com 150 gravuras, trabalho elaborado pela Repartição Internacional dos Museus, departamento do Instituto, e editado por este e que foi já assumpto de com-

municado anterior desta Directoria Geral. Trata-se de uma obra de consideravel vulto e de particular utilidade para as administrações dos nossos museus.

O Catalogo do Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, interessa as nossas instituições culturaes (bibliothecas, museus, academias, escolas, associações diversas, artisticas, scientificas, litterarias, politicas, etc.) e a todos quantos são responsaveis pela educação do nosso povo e prestigio moral do Brasil entre as nações, afim de que adquiraem, estudem, utilizem praticamente e divulguem as obras do Instituto.

Receberá gratuitamente esse catalogo quem quer que o peça ao Delegado do Brasil junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intellectual ou ao Director do mesmo estabelecimento. Endereço: *Institut International de Cooperação Intellectuelle — 2, Rue Montpensier, Paris.*

PALAVRAS DE MESTRES

Todos os estudos se subordinam ao crescimento da creança: só têm valor quando servem ás necessidades desse crescimento.

JOHN DEWEY

Grupo escolar de Corintho

Semana pedagogica

Convocada pelo sr. José Madureira, assistente tecnico desta circumscripção, realizou-se neste eucandario a "Semana Pedagogica", para o fim do estagio do professorado do municipio.

Os trabalhos obedeceram o seguinte programma:

Dia 15 — domingo:

Sessão civica no salão nobre deste eucandario, presidida pelo sr. Auno de Mattos, prefeito municipal, e secretariada pela directora deste estabelecimento, d. Ephigenia de Souza e Silva.

A's 18 horas o sr. Prefeito Municipal abriu a sessão e declarou livre o uso da palavra.

Della se utilizaram o sr. assistente tecnico, que explicou os fins da reunião e fez mimosa saudação ás professoras ruraes; o sr. dr. Antonio Alvarenga, que dissertou brilhantemente sobre as nossas endemias; a professora de trabalhos, d. Olga de Abreu Nery que, em delicadissima linguagem, saudou as suas collegas do municipio; d. Maria Martins Leite, professora em Osorio, que agradeceu a saudação de d. Olga Nery.

Em seguida, o sr. Prefeito encerrou a sessão.

Notava-se o comparecimento das altas auctoridades locais, de muitas familias e pessoas do fino escol de Corintho.

A sala estava adornada com muito gosto e feericamente illuminada.

D. Ephigenia de Souza e Silva annuciou um auditorio em homenagem ás professoras ruraes e convidou os presentes a assistil-o.

As creanças se houveram muito bem e foram acompanhadas, na parte recreativa pela orchestra local, que gentilmente se offereceu.

Houve tambem uma parte pedagogica e os alumnos foram muito applaudidos.

Seguiu-se um festival em beneficio da Caixa Escolar, promovido por distinctos rapazes da localidade.

Nos demais dias lectivos da semana houve aulas, de accordo com a escola nova, como: gymnastica historiada, hora de historia, socialização, reunião do Club de Leitura, jogos sportivos, "Bazar Infantil", jogos educativos, experiencias phisicas, desenho estylizado e diversos projectos, tests.

Realizaram-se diversas palestras.

O sr. José Madureira fallou sobre os tests psicologicos; d. Ephigenia de Souza e Silva tratou da Educação; d. Maria Amalia de Oliveira Campos discorreu acerca da socialização; d. Esther Flór discursou a respeito d'horarios, programmas, excursões e canto; d. Arlete Vieira Machado dissertou sobre a personalidade do professor; a respeito do methodo global falou d. Odilia Pereira de Mattos.

Festejando o encerramento dos

trabalhos, executou-se o seguinte programma:

1.º uma comissão de alumnos offereceu ás professoras ruraes diversos trabalhos collectivos, feitos em classe;

2.º a directora offertou ás professoras do municipio muitos exemplares sobre o methodo global; esse trabalho foi uactylographado;

3.º as professoras ruraes fizeram uma manifestação ao corpo docente do grupo escolar e fallaram d. d. Adeline Costa, Maria Martins e Nazareth Moreira, que em nome de suas collegas, offereceu á directora delicadissimo mimo.

Muito sensibilizada, d. Ephigenia de Souza e Silva agradeceu ás manifestantes;

4.º Lanche no Ideal Hotel, offe-

recido ás professoras ruraes e ao sr. assistente tecnico professorado local.

Falou d. Nair Lima e agradeceu d. Iracema Marques.

Usaram tambem da palavra o sr. assistente tecnico, dr. Antonio Alvarenga e d. Risoleta Adeline da Silva.

A festa correu na maior cordialidade e deixou grelas recordações a todos.

Durante a semana ficou frangueada ao publico uma exposição de trabalhos manuaes e pedagogicos, que foram muito apreciados pelas professoras ruraes e pelos innumerados visitantes.

Na ultima reunião falou tambem sobre assumptos religiosos o revdmo. Frei Adolpho.

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICAÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS DE DO ESTRANGEIRO